



Saúde e Sociedade

LIVRO MOSTRA CONTEXTO DAS DOENÇAS

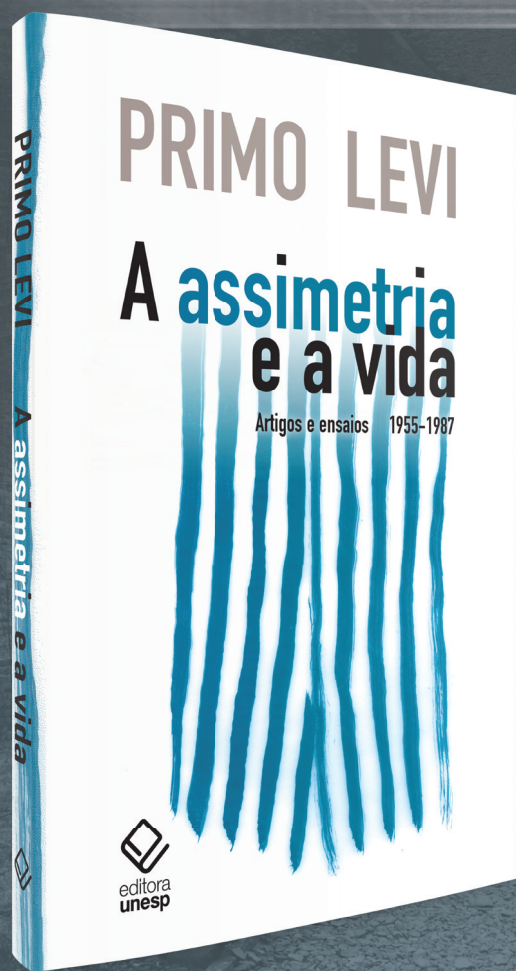
MULHERES

FEMININO, PRESIDÁRIAS E
DESAFIOS EM DEBATE

CINEMA

ANÁLISES DE FILMES QUE
CONCORRERAM AO OSCAR

Primo Levi busca o significado naquilo que está além do humano



A assimetria e a vida
304 páginas | R\$ 58

Coletânea reúne vários textos inéditos que navegam pelo acontecimento perturbador, enigmático e dramático que foi Auschwitz, além de ensaios históricos, científicos e literários

O nome de Primo Levi é indissociável do contundente e brilhante relato de sua vida no campo da morte de Auschwitz e da busca pelo seu significado. Sua grandeza, além do valor intrínseco do testemunho da barbárie, está na insistência em questões que confrontam nossas certezas do mundo. Busca entender racionalmente algo que está além de qualquer medida humana para combater aquela que teria sido a realização plena do fascismo: “a consagração do privilégio, a instauração definitiva da não igualdade e da não liberdade”. Nos artigos e ensaios aqui reunidos, Primo Levi volta a discutir o significado do campo de concentração, comparando-o a algo que simultaneamente é e não é humano. Na primeira parte, a inteligência do pensador italiano busca explicar o enigma Auschwitz e seus desdobramentos no pós-guerra. Na segunda, apresenta textos especulativos sobre temas científicos, históricos e literários.



Governador
Geraldo Alckmin

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia
e Inovação

Márcio França



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor

Julio Cezar Durigan

Vice-reitora

Marilza Vieira Cunha Rudge

Pró-reitor de Administração

Carlos Antonio Gamero

Pró-reitor de Pós-Graduação

Eduardo Kokubun

Pró-reitor de Graduação

Laurence Duarte Colvara

Pró-reitora de Extensão Universitária

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Pró-reitora de Pesquisa

Maria José Soares Mendes Giannini

Secretária-geral

Maria Dalva Silva Pagotto

Chefe de Gabinete

Roberval Daiton Vieira

Assessor-chefe da Assessoria de

Comunicação e Imprensa

Oscar D'Ambrosio



Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-presidente

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

Editor-executivo

Túlio Kawata

Superintendente administrativo e financeiro

William de Souza Agostinho



Diretor de redação Oscar D'Ambrosio

Arte Hankó Design (Ricardo Miura)

Assistente de arte Andréa Cardoso

Colaboradores Alvaro Martim Guedes, Antonio Esteves,

Bernadete Benetti, Celio Matta, Daiene Kelly Garcia, Eli

Vagner Rodrigues, Eugenio Maria de França Ramos, Helenice

Florentino, Heloisa Pait, João Eduardo Hidalgo, José Luiz Del

Roio, Júlia Lenzi Silva, Marco Aurélio Pizo, Patricia Porchat,

Sérgio Mauro, Taylisi de Souza Corrêa Leite, Valdemir Pires,

Vanderlan Bolzani (texto); Daniel Patire (foto)

Revisão Maria Luiza Simões

Projeto gráfico Hankó Design (Ricardo Miura)

Produção Mara Regina Marcato

Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva

Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio

Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, CEP

01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.

www.unesp-ciencia.com.br

revistaunesp-ciencia@reitoria.unesp.br

Impressão Coan Gráfica

Tiragem 6 mil exemplares

É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Universidade.

Para aliviar a canseira da existência humana

“Seremos ainda cientistas, se nos desligarmos da multidão? Vocês trabalham para quê? Eu acredito que a única finalidade da ciência está em aliviar a canseira da existência humana”, diz Galileu Galilei, na peça *A vida de Galileu*, de Bertolt Brecht.

Esta edição da revista **unesp-ciência** nos leva para mais uma viagem pelos caminhos da divulgação científica, numa aproximação entre a academia e a sociedade. Começamos com um texto que celebra os 40 anos do curso de Ecologia da Unesp e mostra como ecólogos podem promover o conhecimento e a apreciação das aves que compartilham conosco o ambiente urbano.

Em seguida, há duas homenagens ao intelectual italiano Umberto Eco (1932-2016), a matéria de capa que trata da determinação social da saúde e da doença, dois textos sobre a Reforma Previdenciária e um conjunto de homenagens à mulher.

Passa-se então a um bloco que enfoca livro sobre as críticas cinematográficas de Guilherme de Almeida e artigos sobre os filmes *O quarto de Jack*, *O regresso*, *A grande aposta* e *A garota dinamarquesa*.

Um breve estudo sobre o Primeiro de Maio, uma reflexão em forma de conto que liga a Palestina à cidade de São Paulo, um doutorado que lida com a dualidade ateliê-laboratório nas interfaces arte-ciência-tecnologia, a posse da nova diretoria da Associação Brasileira de Editores Científicos e uma discussão sobre as facetas do livro didático encerram a edição.

O conjunto busca que as palavras que Brecht colocou no personagem Galileu sejam cada vez mais uma realidade. Assim, a Universidade e a sociedade poderão estar significativamente mais próximas.

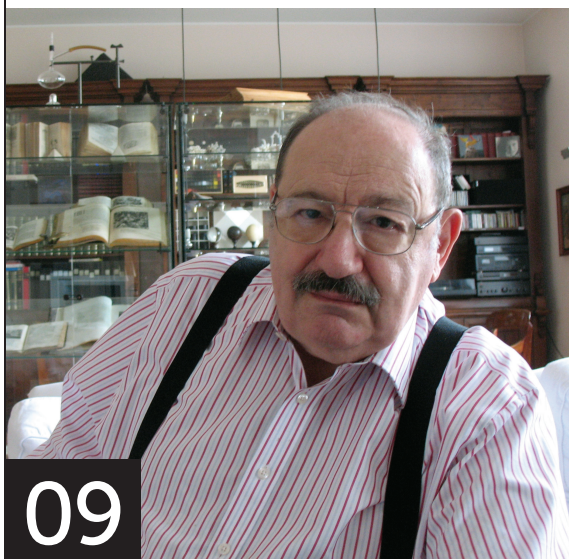


06

40 ANOS DO CURSO DE ECOLOGIA DE RIO CLARO

Muito além dos pardais

MARCO AURÉLIO PIZO



09

HOMENAGEM

“Esta é uma história de livros e não de mistérios quotidianos”

ANTONIO ESTEVES

Umberto Eco e o valor da verdadeira erudição

SÉRGIO MAURO



18

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Equilíbrio: urgente e necessário

ALVARO MARTIM

GUEDES

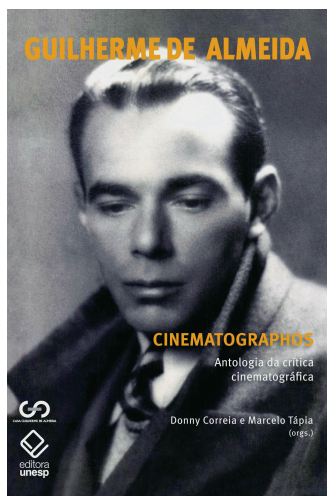
Reforma da Previdência Social

DAIENE KELLY GARCIA

LIVRO
Saúde e Sociedade

OSCAR D'AMBROSIO

12



GUILHERME DE ALMEIDA

27

LEITURA

Críticas cinematográficas de Guilherme de Almeida

ORGANIZADORES

DONNY CORREIA

e MARCELO TÁPIA

44

ARTE E CULTURA
Artemídia Influente

OSCAR D'AMBROSIO





20

MULHERES

O feminismo e a obra de Simone de Beauvoir

ELI VAGNER RODRIGUES

O perdão da pena para as mulheres esquecidas

JÚLIA LENZI SILVA e TAYLISI DE SOUZA

CORRÊA LEITE

Saga das mulheres

HELENICE FLORENTINO

Um poema para as mulheres do Brasil

VANDERLAN BOLZANI



40

FIÇÃO

Os caminhos que tomamos

HELOISA PAIT

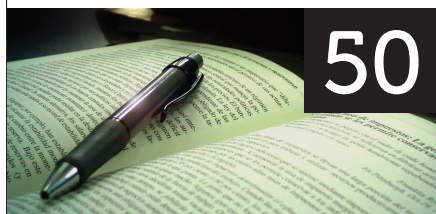


36

DIA DO TRABALHO

Gênese do 1.º de maio

JOSÉ LUIZ DEL ROIO



50

OPINIÃO

Facetas do Livro Didático

EUGENIO MARIA DE FRANÇA

RAMOS e BERNADETE BENETTI



48

FOTO DO MÊS

Nova diretoria na Associação Brasileira de Editores Científicos

DANIEL PATIRE

28

CINEMA

O irreal *Quarto de Jack*

JOÃO EDUARDO HIDALGO

O Regresso, de

Alejandro González

Iñárritu

VALDEMIR PIRES

Dilemas morais no filme *A grande aposta*

VALDEMIR PIRES

A garota dinamarquesa

PATRICIA PORCHAT





Muito além dos pardais

EM 2016 O CURSO DE ECOLOGIA DE RIO CLARO, ASSIM COMO A UNESP, COMPLETA 40 ANOS. NO QUARTO ARTIGO DA SÉRIE COMEMORATIVA DE REPORTAGENS A SEREM PUBLICADAS AO LONGO DO ANO NA **UNESPCIÊNCIA**, O PROFESSOR MARCO PIZO CONTA SOBRE COMO ECÓLOGOS PODEM PROMOVER O CONHECIMENTO E APRECIÇÃO DE AVES QUE COMPARTILHAM CONOSCO O AMBIENTE URBANO

Nem só pardais, pombos e bem-te-vis vivem nas cidades brasileiras. Embora estas sejam as aves mais emblemáticas e conhecidas da população em geral, a diversidade de aves no ambiente urbano é insuspeita. Vejamos o exemplo de Rio Claro, onde desde 2011 juntamente com alunos de graduação e pós-graduação investigo a ecologia das aves urbanas. Embora tenha menos de 3% de sua cobertura vegetal original, o município abriga 381 espécies de aves, segundo Carlos Gussoni, ex-aluno e atualmente pós-doutorando da Unesp. Apenas nas praças de Rio Claro, outro ex-aluno, Angel Leal, encontrou 83 espécies

Um sabiá barranco (*Turdus leucomelas*) com anilhas metálica (perna esquerda) e coloridas (em ambas as pernas).



Durante a captura de aves os alunos têm a oportunidade de conhecer aves como o gavião sovi (*Ictinia plumbea*), ave migratória que visita o câmpus todos os anos de setembro a janeiro.



espécies de aves, ou aproximadamente 10% de todas as aves que ocorrem no Brasil! Tudo isso em uma área de apenas 120 hectares (1 hectare corresponde a uma área de 100 m x 100 m). Tamanha diversidade se deve à variedade de ambientes que o câmpus possui, que vai de gramados a construções, passando por áreas de vegetação mais esparsa semelhante ao Cerrado até pequenos fragmentos da floresta que outrora cobria toda a região. Outro fator importante é a proximidade com a Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade, que faz divisa com o câmpus e abriga cerca de 300 espécies de aves.

Naturalmente uma área tão rica em vida não pode passar despercebida e inexplorada por aqueles que se dedicam às coisas da natureza, seja como hobby ou como ofício. Constitui-se, assim, em importante área de estudo e treinamento para os alunos dos cursos de graduação em Ecologia e Ciências Biológicas, que têm no câmpus oportunidade de aprender um pouco sobre a vida das aves ao desenvolver seus trabalhos de conclusão de curso ou simplesmente ao acompanhar as atividades práticas desenvolvidas regularmente na disciplina sobre ornitologia. Estas atividades buscam apresentar e treinar os alunos em técnicas usualmente empregadas para o estudo das aves.

As redes de neblina, por exemplo, são armadilhas que permitem a captura e manipulação das aves para a obtenção de informações diversas. Com a ajuda de mais de 90 alunos de graduação e pós-graduação, até o momento foram capturados no câmpus da Unesp quase 1000 aves. Estas aves são marcadas com anéis

de aves, dos diminutos beija-flores aos grandes urubus, ambos, cada um a seu modo, igualmente importantes do ponto de vista ecológico.

O que esperar então de áreas urbanas que estão na periferia da cidade, em contato mais próximo com a zona rural? Aí podemos encontrar um maior número de espécies, pois aquelas capazes de ocupar a área mais central da cidade onde predominam os edifícios, como pardais, pombos e bem-te-vis, se encontram com aves mais sensíveis às perturbações do ambiente. O câmpus da Unesp de Rio Claro é uma dessas áreas urbanas com elevado número de espécies. Ali já foram registradas 190



Alunos participam do anilhamento de aves capturadas nas redes de neblina

(ou anilhas, como os chamam os ornitólogos) metálicas ou plásticas que permitem a identificação individual. Cada anilha metálica tem gravado um código único que funciona como a identidade da ave. Uma vez recapturadas, as aves assim marcadas podem ser facilmente identificadas, possibilitando assim a obtenção de dados demográficos importantes para aferir a saúde de suas populações. As anilhas plásticas são coloridas e a combinação de cores permite a identificação individual a distância, sem necessidade de recaptura.

Outra técnica apresentada aos alunos é o levantamento das aves em pontos fixos, que consiste em estabelecer pontos de amostragem espaçados no ambiente e, durante um período de tempo fixo, anotar as aves que são ouvidas ou avistadas a partir desse ponto. Anualmente desde 2011 esta técnica vem sendo empregada no câmpus, permitindo aos alunos conhecer as aves não apenas pela sua morfologia externa, mas também por suas vocalizações. Este trabalho, que deve se estender por muitos anos,

permitiu perceber até aqui pequenos aumentos nas populações de algumas espécies, como a corruíra (*Troglodytes musculus*), assim como a diminuição nas populações de outras. Embora as comunidades de aves sejam naturalmente dinâmicas, ou seja, espécies vêm e vão, devemos estar atentos a estas flutuações, pois podem indicar respostas das aves às mudanças climáticas em curso e que mal podemos perceber em nosso dia a dia.

Assim, além de possibilitar o treinamento de alunos, as atividades desenvolvidas com as aves no câmpus da Unesp de Rio Claro promovem o conhecimento da ecologia das aves. Uma vez que a maioria das pessoas vive nas cidades e tem nas praças, parques urbanos e áreas como o câmpus da Unesp a única oportunidade de experimentar o mundo natural ao seu redor, cabe aos futuros ecólogos e biólogos promover o conhecimento e apreciação dos organismos que compartilham conosco o ambiente urbano para que assim sejam respeitados e valorizados. **UC**



Marco Aurélio Pizo é professor do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro.



O maestro e autor Umberto Eco

ARTIGOS
MOSTRAM
FACETAS DO
ESCRITOR,
FILÓSOFO,
SEMIÓLOGO,
LINGUISTA E
BIBLIÓFILO
ITALIANO

“ESTA É UMA HISTÓRIA DE
LIVROS E NÃO DE MISTÉRIOS
QUOTIDIANOS”

ANTONIO ESTEVES

“**S**tat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus.” Assim termina o romance *O nome da rosa*, do pensador italiano Umberto Eco (1932-2016). Em tempos de informações globalizadas e rápidas em um minuto pode-se descobrir que essa frase em latim diz, em nossa língua, que a rosa antiga apenas permanece no nome e que, na verdade, nada temos além dos nomes. Podemos até mesmo descobrir que se trata de um verso de um poeta medieval modificado pelo autor do romance: o original não falava da rosa, mas de Roma. E como o próprio Eco esclarece mais tarde, se refere às glórias passageiras. Tudo acaba de

algum modo esvaindo-se no nada. É o bíblico pó que ao pó retorna.

Desde 19 de fevereiro último, Umberto Eco é apenas um nome. Do escritor, sem dúvida o mais ilustre representante da cultura italiana do último século, resta apenas um nome e uma biblioteca. Uma coleção de livros escritos com uma constância quase frenética, ao longo de mais de meio século, em várias áreas do conhecimento, da filosofia à linguística, da literatura à semiótica. A maioria deles está traduzida ao português, disponível em qualquer livraria ou biblioteca brasileira, país que ele visitou várias vezes. Um pensador que, tendo iniciado seus estudos na filosofia medieval, sempre esteve preocupado com seu tempo, sendo um dos pioneiros em discutir a cultura de massa e suas relações com a chamada cultura erudita. No campo do ensaio, *Apocalíp-*



© Rob Bogaerts / Nationaal Archief Fotocollectie Anefo

ticos e integrados (1964) é leitura básica para os interessados em discutir as relações entre a cultura e os meios de comunicação.

Já pensador de renome, em 1980, Eco decidiu colocar em prática suas ideias sobre a cultura de massa e escreveu seu primeiro romance, *O nome da rosa*, que já nasceu best seller, como ele tinha previsto. Escreveu, em seguida, mais seis romances, o último publicado em 2015. Traduzido a mais de trinta línguas, vendeu milhões de exemplares, transformando-se ainda em um dos livros mais estudados da literatura italiana.

A pergunta que se costuma fazer é o que teria feito com que um livro de mais de quinhentas páginas, com ação na Idade Média, cheio de citações em latim e discussões teo-

lógicas tenha se tornado tão popular. Só no Brasil, país que não prima pela cultura letrada nem pelo exercício da leitura, teria vendido mais de quinhentos mil exemplares. Pode ser que o fato de ser uma mistura de romance histórico, narrativa policial e thriller cultural tenha prendido seus leitores. Também pode ser que o filme homônimo de Jean Jacques Annaud, de 1986, estrelado, entre outros, por Sean Connery, que segue fielmente a ação do livro, tenha alavancado sua vendagem. Ou vice-versa, demonstrando aquilo que o próprio Eco discutia em seus ensaios. Nenhuma resposta é satisfatória.

Talvez o fato de que o romance seja uma espécie de máquina de interpretações explique o sucesso do livro. O próprio Eco já alertava que aquela era uma história de livros e não de mistérios quotidianos, embora estes prendam a atenção do leitor. Para ele, os livros falam sempre de outros livros, e das ideias que esses livros trazem. Ele acreditava na capacidade de diálogo entre o livro e aqueles livros escritos antes dele que acabam por aparecer por trás de suas páginas. Também acreditava que o diálogo entre o autor e o leitor se faz através da leitura. Para ele um romance bem escrito sempre quer revelar o leitor a si próprio. Pela leitura, o leitor se torna diferente, aprende algo sobre o mundo, sobre a linguagem, e principalmente sobre si próprio.

Um romance com ação no passado pode e deve ser uma obra que faça seu leitor identificar no passado as causas do que aconteceu depois e entender o processo pelo qual essas causas foram lentamente produzindo seus efeitos. Mas, ao mesmo tempo, pode levá-lo a se divertir, com o jogo de máscaras apresentado pelo escritor. Isso pode explicar porque milhões de leitores de *O nome da rosa* tenham rido e/ou chorado com as aventuras do jovem Adso de Melk que acompanha fielmente seu mestre, o frade franciscano detetive Guilherme de Baskerville, que trata de desvendar os crimes ocorridos durante uma semana numa abadia medieval. Enquanto os teólogos estão discutindo o amor divino, Adso está preocu-



Antonio Esteves é professor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis.

pado com o amor carnal. Questões que estão no cerne do pensamento de qualquer ser humano normal.

Afinal de contas, quem nunca se perguntou o que restará de nossas glórias mundanas e de nossos amores transitórios?

UMBERTO ECO E O VALOR DA VERDADEIRA ERUDIÇÃO

SÉRGIO MAURO

A pesar de algumas tentativas frustradas, não consegui conhecer pessoalmente um dos maiores pensadores italianos (e universais) que, infelizmente, nos deixou há poucos dias. Tive a satisfação, porém, de escrever uma resenha do seu livro *Cinco escritos morais*, em 1999, além de realizar a tradução de dois brilhantes livros de crítica e de crônicas e de um vasto volume por ele coordenado. Na minha carreira de quase 30 anos como professor de literatura italiana, recorri aos textos de Eco centenas de vezes. De resto, como evitar a referência em uma aula sobre cultura italiana (e não apenas sobre a cultura italiana) a um pensador que escreveu praticamente sobre tudo, da filosofia de São Tomás de Aquino a Berlusconi? Ele foi a demonstração cabal de que é possível escrever sobre tudo ou quase tudo sem descambar para a banalidade ou para o superficial. Os poucos detratores de Umberto Eco, na Itália ou fora dela, sempre apontaram esta sua suposta “fraqueza” intelectual. Para mim, era a sua maior virtude.


Entre os infundáveis temas analisados pelo grande intelectual, que consegui ser ao mesmo tempo semiólogo, filósofo, professor, crítico literário e escritor, gostaria de ressaltar, dentro dos limites da minha modesta competência sobre a sua vasta obra, um tema atualíssimo que, direta ou indiretamente, perpassa por boa parte dos seus escritos, tanto nos ensaios como no best seller *O nome da rosa*: a tolerância. Sim, a tolerância, ou melhor, a intolerância que vem sendo demonstrada nos últimos tempos na Europa com relação aos imigrantes estrangeiros (e, pelo que sei, até mesmo no Brasil com relação a

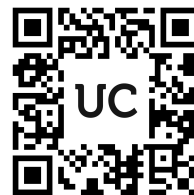
haitianos, colombianos e outros povos). O que têm em comum a necessidade de se libertar da verdade absoluta, que Guilherme de Baskerville ensina ao discípulo Adso, em *O nome da Rosa*, o brilhante estudo da retórica capciosa de um discurso de Mussolini, feito no ensaio “O lobo e o cordeiro”, publicado no volume *A passo de caranguejo*, e a iluminadora análise do “fascismo do cotidiano”, presente no ensaio “As migrações, a tolerância e o intolerável”, do livro *Cinco escritos morais*? De modos diferentes, estas reflexões do nosso autor demonstram claramente que a tolerância, não sendo algo natural

ECO PROVAVELMENTE DEVE ESTAR AGORA RINDO DE NOSSA ESTULTICE E DE NOSSA INTOLERÂNCIA APARENTEMENTE INCORRIGÍVEIS

entre os seres humanos, precisa ser ensinada nas escolas. De acordo com Eco, deveríamos, portanto, começar agora a formar uma geração de seres humanos tolerantes, antes que seja tarde demais.

Umberto Eco refletiu sobre a morte no ensaio “Sobre as inconveniências e as vantagens da morte”, escrito em 2004 e publicado em 2006 no já citado *A passo de caranguejo*. Com a lucidez que lhe era peculiar, concluiu que a imortalidade (corpórea) seria “insuportável” ou até mesmo intolerável. Até a chegada da “sora morte” mencionada por São Francisco, no famoso “Cântico das criaturas”, melhor seria continuar a “mandar mensagens numa garrafa” para as futuras gerações. E que mensagens o grande “professore” nos deixou! E como eram atuais quando foram escritas e como ainda serão por muito tempo!

Com o finíssimo senso de humor que era uma de suas marcas registradas, tal qual o Brás Cubas machadiano, Eco provavelmente deve estar agora rindo de nossa estultice e de nossa intolerância aparentemente incorrigíveis. Ria com vontade, caro “maestro”. Para mim você era e continuará a ser “il mio maestro e il mio autore”. 



Sérgio Mauro é professor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 22 de fevereiro de 2016.

Saúde e Sociedade

LIVRO MOSTRA A DETERMINAÇÃO SOCIAL DA SAÚDE E DA DOENÇA

As doenças e as condições de saúde só podem ser corretamente entendidas quando os indivíduos são estudados no contexto social, econômico e cultural em que vivem. Esse é o princípio apresentado por Rodolpho Telarolli Junior no livro *Saúde e Sociedade: a determinação social da saúde e da doença* (Editora Moderna, 96 páginas).

Médico sanitário, graduado pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, doutor em Saúde Coletiva pela Unicamp e professor de Saúde Pública da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) da Unesp em Araraquara, Telarolli Jr. mostra como as mudanças sociais, culturais e econômicas trouxeram impactos positivos e negativos para a saúde da população humana.

O autor aponta que, desde a Pré-história sem-

pre foi desejo das pessoas viver mais e melhor.

Para isso era necessário conseguir alimentação em quantidade suficiente e de boa qualidade, dispor de água pura e controlar as doenças transmissíveis, que perseguiram o homem durante a maior parte de sua história.

Com os avanços sociais e científicos dos séculos XIX e XX, e com as descobertas da revolução científica, a humanidade teve sucesso nesses objetivos. A maior parte das doenças infecciosas foi controlada, a mortalidade de crianças e de adultos diminuiu e a população envelheceu.

Para o pesquisador da FCF, com o envelhecimento populacional, veio um novo desafio: as doenças crônicas e degenerativas, como o câncer, as doenças cardiocirculatórias e as doenças psiquiátricas e neurológicas, além das



CINCO DICAS PARA UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Alguns hábitos de alimentação muito simples, que ajudam a manter a saúde e evitam o ganho de peso, podem ser adquiridos por qualquer pessoa:

1 Ter uma dieta fracionada, que inclua seis refeições ao longo do dia. Isso significa tomar café da manhã, lanche no meio da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e lanche da noite.

Alimentar-se a cada duas, no máximo três horas, mantém estáveis os níveis de açúcar e de insulina no sangue, o que é bom para a saúde. Além disso, quando chega a hora das refeições principais, que são o almoço e o jantar, não estamos com tanta fome e comemos apenas o necessário.

2 Respeitar a pirâmide alimentar: comer em maior quantidade os alimentos da base e em menor quantidade os alimentos do topo da pirâmide.

3 Ter uma alimentação variada, que inclua ao longo do dia pelo menos três tipos diferentes de frutas e de verduras ou legumes.

4 Comer devagar, mastigando bastante os alimentos. Com isso, o cérebro percebe que já foi ingerido alimento suficiente e a sensação de saciedade vem logo. Quem come rápido, mastigando pouco, acaba comendo mais do que o necessário.

5 Não fazer as refeições vendo televisão ou lendo. Distrações durante as refeições levam a comer mais do que o necessário.

mortes por acidentes e homicídios. “Agora é necessário lutar contra esses outros problemas de saúde, que são os que mais afligem e matam a população do século XXI”, diz.

O livro aponta que a ciência já sabe quase tudo o que é necessário para controlar as doenças do envelhecimento, com destaque ao combate aos fatores de risco que favorecem as doenças crônico-degenerativas, como o sedentarismo, a obesidade e o sobrepeso, o tabagismo e as dietas ricas em gorduras.

O envelhecimento das populações, por um lado, seria uma novidade positiva, pois resulta da melhoria das condições de vida. Mas o Brasil está atrasado nas medidas necessárias para atender às necessidades dos idosos. Melhorar o Sistema Único de Saúde (SUS), que funciona de forma precária e tem que dar conta das necessidades de saúde dos milhões de brasileiros idosos, é apenas uma delas.

Leite e seus derivados, como queijo e iogurte, além de feijão, carnes e ovos, alimentos ricos em proteínas.

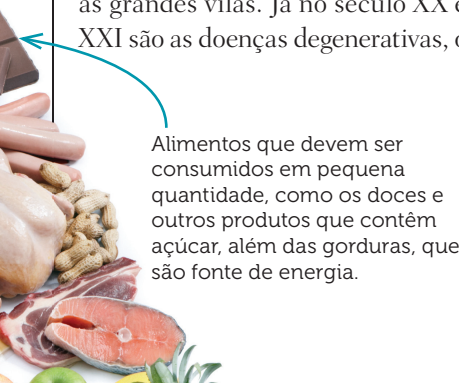
Carboidratos, como a batata, os alimentos feitos de trigo (pão, macarrão, bolos, biscoitos), o arroz, o milho e a mandioca.




“Reformar a Previdência Social, tornar o ambiente físico das cidades mais acessível e melhorar o transporte coletivo, adequando-o aos idosos, são outras demandas urgentes que pedem coragem e seriedade dos políticos que administram o nosso país”, acredita Telarolli Jr.

Na introdução do livro, o autor afirma que desde que o ser humano surgiu na Terra existe o desejo e a preocupação de viver com mais qualidade e por mais tempo. Ao longo dos tempos, porém, os problemas de saúde, as explicações para eles e as soluções encontradas foram se modificando.

A obra retoma que, na Pré-História, as pessoas morriam de ataques de feras ou em consequência de fraturas. Na Antiguidade, quando o homem passou a viver em vilas e cidades, as doenças infecciosas tornaram-se as grandes vilãs. Já no século XX e no século XXI são as doenças degenerativas, o câncer, os



Alimentos que devem ser consumidos em pequena quantidade, como os doces e outros produtos que contêm açúcar, além das gorduras, que são fonte de energia.



Frutas, verduras e legumes, ricos em fibras e vitaminas.

problemas circulatórios e as mortes violentas os maiores problemas.

Para entender essas mudanças ao longo da História, é necessário ter em mente que as formas de viver e morrer são sempre determinadas por aspectos que fogem do campo restrito da Biologia. Mudanças culturais, sociais e econômicas teriam papel fundamental na definição das condições de saúde das sociedades.

É lembrado ainda que, quando o homem aprendeu a criar animais, 4.000 anos antes de Cristo, sua vida tornou-se bem mais confortável. Já não era necessário sair todos os dias para caçar e garantir o sustento da família. Por outro lado, conviver com outras espécies de

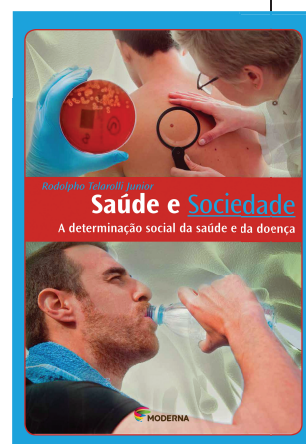
DESDE QUE O SER HUMANO SURTIU NA TERRA EXISTE O DESEJO E A PREOCUPAÇÃO DE VIVER COM MAIS QUALIDADE E POR MAIS TEMPO

animais no mesmo ambiente expôs a humanidade a uma série de novos microrganismos e de novas doenças.

A obra argumenta ainda que é do trabalho de cada indivíduo que vêm os recursos que garantem a sua sobrevivência. “Mas é também do trabalho, realizado em condições inadequadas, que decorrem muitos acidentes fatais e doenças sérias”, diz o pesquisador.

A urbanização, levando a população a viver nas cidades, a partir do século XIX, proporcionou mais conforto, opções de lazer e de estudo. “Por outro lado, a aglomeração nas cidades, sem as condições de higiene adequadas, favoreceu a ocorrência de novas doenças”, argumenta.

A publicação traz, assim, alguns exemplos de como o progresso, resultado de mudanças sociais, econômicas e de avanços tecnológicos, quase sempre traz consequências boas e más para a saúde das sociedades humanas; a um bônus quase sempre corresponde um ônus. “É sobre essas mudanças, suas relações e suas contradições, que avançam além do alcance das ciências da saúde, e como elas afetam a vida das pessoas, que o livro trata”, conclui Telarolli Jr.



Saúde e Sociedade:
a determinação social
da saúde e da doença;
Rodolpho Telarolli
Junior
Editora Moderna,
96 págs.



INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Em 10.000 a.C., 6 milhões de pessoas habitavam o planeta, número que saltou rapidamente para 250 milhões, na época do nascimento de Cristo. Atualmente, a população mundial já passa de 7 bilhões de habitantes.

Em média, um pacote de biscoito recheado tem 750 calorias, aproximadamente 1/3 de todas as calorias que devem ser consumidas em um dia.

Na história da humanidade, as epidemias são situações de crise que desencadeiam ações e descobertas de interesse para a saúde pública.

Na área da saúde pública, o contexto social determina as condições biológicas. Onde a industrialização ocorreu antes, como na Inglaterra, os abusos e a exploração excessiva da mão de obra levaram, em algumas décadas, à adoção de medidas de proteção à saúde dos trabalhadores.

Cada tipo de bactéria precisa ser corado por um tipo de produto específico, facilitando sua visualização. No início do século XIX a indústria química alemã desenvolveu vários corantes, que eram usados para tingir tecidos. Logo os cientistas perceberam que esses corantes poderiam ser empregados para destacar partes de células de seres humanos e de bactérias, facilitando a visualização de suas estruturas.

Os avanços da ciência só ocorrem quando existem condições técnicas e sociais. Muitas descobertas são frutos de erros e de acidentes em laboratório. Como afirmava Pasteur, "a sorte só favorece a mente preparada".

Apenas no século XX a camisinha passou a ser um método contraceptivo mais higiênico e eficaz; foi quando ela passou a ser produzida com látex. Até então era feita com a bexiga e os intestinos de animais e não era descartável.

Apesar das restrições legais, no Brasil a exposição ao álcool começa muito cedo: em 2009, 71% dos adolescentes de 14 anos de idade já haviam experimentado álcool e desses 25% já haviam se embriagado ao menos uma vez na vida.

Não existe uma cura universal para o câncer, como muitos pensam. Os pesquisadores procuram conhecer melhor cada um dos tipos da doença, em busca de tratamentos capazes de curá-los.



AVALIANDO O PESO

O Índice de Massa Corporal (IMC) é uma técnica que foi desenvolvida no fim do século XIX para avaliar o índice de gordura no corpo das pessoas. Ele indica se há desnutrição, normalidade, sobrepeso ou obesidade. Sua utilização é recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). É calculado da seguinte maneira: o peso (em quilogramas) é dividido pela altura ao quadrado (em metros). Os valores do IMC são calculados e classificados da seguinte forma:

$$\text{IMC} = \frac{\text{PESO (kg)}}{\text{ALTURA}^2(\text{m})}$$

RESULTADO

CLASSIFICAÇÃO

Abaixo de 18,5

abaixo do peso

18,6 a 24,9

normal

25,0 a 29,9

sobrepeso

30 a 39,9

obesidade

40 ou mais

obesidade grave

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS BRASIL – MINISTÉRIO DA SAÚDE.

<<http://goo.gl/Sco7EB>>. Acesso em: 25/5/2015.

Endereço da página do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), do Ministério da Saúde, a partir da qual é possível construir tabelas com informações sobre as principais doenças transmissíveis que acontecem no Brasil.

RAMAZZINI, B. *As doenças dos trabalhadores*. São Paulo: Fundacentro, 1985.

Edição em português da obra clássica de Bernardino Ramazzini, publicada em 1700, relacionando as profissões com as doenças.

ROSEN, G. *Uma história da saúde pública*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Editora Unesp/Abrasco, 1994.

Texto clássico, em linguagem acessível, sobre a história da saúde pública, lançado nos EUA em 1958.

UJVARI, S. C.; ADONI, T. *A história do século XX pelas descobertas da medicina*. São Paulo: Contexto, 2014.

Texto em linguagem agradável e acessível, apresentando as principais descobertas científicas da área da saúde no século XX.

VICTORA, C. (Org.). *Saúde no Brasil – A série The Lancet*, 2011. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

Conjunto de artigos publicados originalmente na famosa revista *The Lancet*, traduzidos para o português, apresentando um panorama do Sistema Único de Saúde e dos principais problemas de saúde pública do Brasil.

WORLDMETERS. <<http://www.worldometers.info/br/>>. Acesso em: 25/5/2015.

Worldometers é um site mantido por uma equipe internacional de pesquisadores e voluntários com o objetivo de apresentar estatísticas da população mundial (número de habitantes do planeta, nascimentos e mortes) atualizadas e em tempo real.



Reforma previdenciária

TEXTOS
DISCUTEM O
SISTEMA ATUAL E
SUAS PROJEÇÕES
FUTURAS

EQUILÍBRIO: URGENTE E NECESSÁRIO

ALVARO MARTIM GUEDES

Quando pensamos sobre o sistema previdenciário sempre devemos ter como horizonte temporal o longo prazo, 30 anos ou mais. Em todo o mundo o problema central a ser enfrentado por esse sistema é o gradual desequilíbrio entre o total de contribuições e o de benefícios. Entram cada vez menos contribuições e aumentam cada vez mais os valores a serem pagos. O desequilíbrio que deve ser enfrentado é estrutural. Vive-se mais, trabalha-se menor parcela da vida e, portanto, há mais benefícios do que contribuições.

No Brasil não está sendo diferente. Independentemente das tecnicidades que o tema exige, nossa previdência pública, agravada pela

situação econômica, é ponto central no ajuste das contas públicas. Observou acertadamente o ministro da Fazenda, quando de sua posse (21/12/15), que um equilíbrio nas contas da Previdência se faz urgente.

Ocorre, porém, que não há de fato uma interlocução de governo sobre o problema. Em 17 de fevereiro deste ano o ministro do Trabalho e Previdência Social, Miguel Rossetto, anunciou que a presidente Dilma havia determinado um prazo de 60 dias para apresentar propostas para os ajustes na Previdência. O ministro Rossetto declarou que essas medidas deveriam respeitar conquistas, preservar o modelo e incentivar o crescimento.

De forma genérica, tentar preservar conquistas e ao mesmo tempo promover ajustes reais é incompatível. Não se altera nada sem haver modificações, é óbvio. As conquistas

fundamentais a que o ministro Rossetto fez velada referência são a idade mínima para a aposentadoria e a diferença entre idades de homens e mulheres para acesso ao sistema. Em uma comparação com diversos países, fica evidente que esse é o principal problema a ser superado. A solução está em aumentar a idade média de acesso à aposentadoria, que hoje no Brasil é de 58 anos, e em suprimir a diferença de idade entre homens e mulheres para direito ao benefício.

Quem aí está no governo irá realizar tal ação totalmente contrária aos interesses de sindicatos? Sendo assim, constituir uma Comissão em que esses representantes participam sem abrir mão do que é central é um meio que não irá levar a lugar nenhum. A situação em que vivemos é a de casa de pobre, em que todos gritam e ninguém tem razão. Fazer torcida ou rezar, como sempre nesses casos, é insuficiente.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

DAIENE KELLY GARCIA

Após a reformulação do sistema previdenciário pela Constituição Federal de 1988, tornou-se recorrente a discussão sobre a necessidade de reformas previdenciárias. Alguns pesquisadores, a exemplo de Denise Lobato Gentil, argumentam que a utilização de uma metodologia mais adequada evidencia que a seguridade social não é deficitária, mas sim superavitária, e reformas são desnecessárias e desaconselháveis na medida em que podem culminar em privatização do sistema previdenciário e perda das conquistas do welfare state.

De outro lado, há os que argumentam a necessidade de reforma para viabilizar o sistema a longo prazo, pois a previdência social é um pacto de gerações pautado pelo regime de repartição. Já foram empreendidas duas minireformas previdenciárias, a primeira impulsionada pelo Governo FHC em 1995 e consolidada em 1999 e a segunda pelo Governo Lula em 2003, consolidada em 2005. Ambas


alteraram o regime geral de previdência social e o regime próprio dos servidores públicos (com exceção do regime dos militares, que se mantém inalterado).

A primeira reforma extinguiu a aposentadoria proporcional e instituiu o fator previdenciário, a segunda previu alíquotas e bases de cálculo de contribuição social diferenciadas. Também

O GOVERNO FEDERAL SINALIZA NOVAS PROPOSTAS, DENTRE ELAS A UNIFICAÇÃO DAS REGRAS PARA HOMENS E MULHERES

o Governo Dilma propôs alterações no sistema previdenciário. Em 2015, após modificações pelo Congresso Nacional, foram sancionadas alterações para as regras de concessão da pensão por morte (aumento da carência, criação de prazo mínimo de relacionamento afetivo para considerar a viúva beneficiária e vinculação da duração do benefício à idade da viúva no momento da concessão) e da aposentadoria por tempo de contribuição (estipulando-se a fórmula 85/95 progressiva como alternativa ao fator previdenciário).

O Governo Federal sinaliza novas propostas, dentre elas a unificação das regras para homens e mulheres, fundamentando-as na necessidade de controlar as finanças públicas e adequá-las ao prognóstico da situação fiscal e ao prognóstico demográfico, mas tem sofrido pressão do Partido dos Trabalhadores para adiar a discussão em razão do atual cenário sociopolítico. Importa observar que as características fundamentais do sistema previdenciário se mantêm preservadas: trata-se de um sistema público, em regime de repartição e de cobertura universal.

Cumprir defender que eventuais propostas de reforma previdenciária não impliquem em alteração dessas características fundamentais e retrocesso das conquistas sociais. Igualmente, defende-se que tais propostas sejam associadas a propostas de reforma tributária para o custeio da previdência. 



Alvaro Martim Guedes, especialista em administração pública e professor da Unesp em Araraquara.



Daiene Kelly Garcia é advogada, mestre em Direito pela Unesp de Franca, membro do Corpo Docente da Pós-Graduação da Faculdade de Direito de Franca, da Comissão das Relações de Consumo da 13ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil e do Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário.



Filósofo e escritor francês Jean Paul Sartre e a escritora Simone De Beauvoir, recebidos em Israel por Avraham Shlonsky e Leah Goldberg no aeroporto de Lod (14/3/1967).

© Milner Moche / Wikimedia

Visões sobre as mulheres

TEXTOS
ENFOCAM
DISTINTAS
VISÕES DO QUE
É SER MULHER
HOJE

O FEMINISMO E A OBRA DE SIMONE DE BEAUVOIR

ELI VAGNER RODRIGUES

Um dos aspectos mais interessantes da obra de Simone de Beauvoir é a tentativa de desconstrução da teoria do “eterno feminino”. A partir de uma análise da primeira parte da obra *O Segundo Sexo*, denominada “Fatos e mitos”, podemos verificar todo o trabalho de Beauvoir na tentativa de efetuar uma desconstrução da ideia vigente de “ideal feminino” elaborada pelas históricas tradicionais formas de poder.

Nestes escritos encontramos citações como a de Pitágoras, que indica que o problema é antigo, ancestral: Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher.

PITÁGORAS

Por outro lado Simone cita também as tentativas de encarar o problema de outra perspectiva, como a de Pouli de La Barre: Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte. POULAIN DE LA BARRE

Abordando o tema de maneira mais direta Beauvoir se pergunta: o que seria a ideia de uma essência feminina, em várias épocas e culturas? A partir desta pergunta, ela se propõe examinar o que seria o ideal de “O eterno Feminino” existente em nossa cultura ocidental. E é a partir desta questão que podemos estabelecer uma relação direta com os problemas teóricos característicos do existencialismo principalmente em seu desenvolvimento por Jean Paul Sartre. Se existe uma essência feminina esta essência seria secretada pelos ovários? Ou teria apenas uma característica cultural? Isto é, o feminino está no biológico,

essencialmente definido ou seria uma construção social, como modernamente costuma ser expresso? Ainda existem algumas questões que Simone se propõe que são, de certo modo, provocativas para a reflexão, e possuem por esta natureza uma função propedêutica. A essência feminina estará congelada no fundo de um céu platônico? Se está, o modelo nunca foi registrado. O terreno do conceitualismo perdeu terreno para o terreno da prática social e cultural. O problema do essencialismo passa a ser um dos focos da desconstrução. As ciências biológicas e sociais não “acreditam” mais na existência de entidades imutáveis, fixas, que definiriam determinados caracteres como os da mulher, do judeu ou do negro. O conceito de caráter também estaria em jogo. Essência e caráter são conceitos que dependiam um do outro em concepções “conservadoras”, arcaicas. O caráter dependeria de um tipo de essência. Esta relação, de traços evidentemente dogmáticos, era um terreno fértil de juízos discriminatórios, preconceituosos e opressores. Os existencialistas causaram uma verdadeira reviravolta nestas concepções essencialistas. A princípio, eles consideram o caráter como uma reação secundária a uma situação e não como algo preconcebido, programado na essência do indivíduo, determinista. Simone enfrenta todas essas concepções em concepção anti-determinista.

Para Simone, se hoje não há mais uma feminilidade definida, é porque nunca houve. Mas ela vai além do horizonte dos problemas femininos. Recusar as noções de eterno feminino, de alma negra e de caráter judeu não é negar que haja hoje judeus, negros e mulheres; a negação não representa para os interessados uma libertação e sim uma fuga inautêntica. A argumentação encontra no existencialismo seu fundamento. A liberdade advém, primeiro, de uma negação de concepções arcaicas e escravizantes. Mas como é historicamente definida a mulher como essência? Começamos pelo Gênesis. O que simboliza a história do Gênesis em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um “osso supranumerá-

rio” de Adão. O significado mais evidente é o de que a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele. Neste sentido ela não é considerada um ser autônomo. Esta característica é de fundamental importância para a constituição do que denominaremos aqui de “filosofia do feminismo”. Negar à mulher a característica da autonomia significa, obviamente, negar todos os direitos que a caracterizam como pessoa, cidadã, indivíduo, isto é, todas as atribuições que distinguem uma pessoa de uma coisa. Se a história da mulher passa pelo fato de ser tratada como um tipo de “coisa” e não de pessoa, durante várias épocas e em diversas culturas, o corpo tem papel fundamental nesta relação

PARA SIMONE, SE HOJE NÃO HÁ MAIS UMA FEMINILIDADE DEFINIDA, É PORQUE NUNCA HOUVE. MAS ELA VAI ALÉM DO HORIZONTE DOS PROBLEMAS FEMININOS

entre a coisa e quem se apossa dessa coisa. Bossuet resume bem esta condição, no sentido de como o corpo da mulher foi usado: “O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem”. A mulher determina-se e diferencia-se “em relação ao homem” e não este em relação a ela; esta determinação impõe que a fêmea é o “inessencial” perante o “essencial”. Se a mulher não possui, culturalmente, uma essência, ela se define a partir de outra essência, no caso a masculina. Neste raciocínio, o homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. Neste contexto amplo as culturas se “esquecem” de que a mulher é igualmente uma consciência para si.

Os outros são, via de regra, aqueles que não são iguais a nós, isto é, não são humanos, não são melhores, são piores, não são gente. São bárbaros, nós não somos, são maus, somos bons, são feios, somos belos. Os judeus são “outros” para o antissemita, Os negros para



Eli Vagner Rodrigues é professor de Filosofia e Ética do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da Unesp de Bauru.

os racistas, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Todos possuem um outro de oposição.

A definição do outro, feita por mim, é sempre a minha definição nunca o que o outro realmente é. O outro é, também, fonte de temor, estranhamento, ódio, incompreensão, distanciamento, violência e desejo. Do ponto de vista da análise dos tipos de discursos, exemplo clássico de definição da mulher pelo discurso masculino é o discurso religioso. As religiões, segundo Simone, refletem essa vontade de domínio e esses discursos fundamentam vários costumes opressores. Os costumes se perpetuam a partir de arquétipos como nos exemplos de Eva e de Pandora. No século XIX, a querela do feminismo torna-se novamente uma querela de sectários; uma das consequências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: nesse momento

A HISTÓRIA DO TRABALHO DA MULHER E DO TRABALHO DO HOMEM É REPLETA DE DIFERENÇAS DE VALOR

as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos. A história do trabalho da mulher e do trabalho do homem é repleta de diferenças de valor. A fim de tentar provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental.

A naturalização é um dos modos do discurso ideológico. Supostamente, o que é natural é, por si só, justo e bastaria atribuir uma “natureza específica” a algo que ela estaria justificada. A ideia de natureza dá um ar de cientificidade para o argumento e para a definição. Então, se o eterno feminino é frágil, “por natureza”, estaríamos naturalizando o que ainda não foi provado. Se o eterno feminino é frívolo atribui-se uma característica psicológica *a priori* ao indivíduo que só pode

ser provada realmente com a ação, no mundo empírico. A naturalização do discurso era uma forma de dominação em um mundo em que a ciência ainda era masculina. O “eterno feminino” conclui Simone é o homólogo da “alma negra” e do “caráter judeu”.

O PERDÃO DA PENA PARA AS MULHERES ESQUECIDAS

JÚLIA LENZI SILVA E

TAYLISI DE SOUZA CORRÊA LEITE

Em 2014, pela primeira vez, o Departamento Penitenciário Nacional (Depen) divulgou dados acerca da situação prisional brasileira com recorte de gênero, o que significa que, pela primeira vez, o Brasil pode conhecer a realidade – ao menos, a estatística – das cerca de 37.000 mulheres encarceradas. O relatório oficial aponta o crescimento assombroso do aprisionamento feminino: em





Júlia Lenzi Silva,
mestre em direito pela
Unesp e professora
de direitos humanos
na Faculdade de
Educação São Luís em
Jaboticabal/SP
(FESL-SP).

© Vmnicus Sparbe / freemagges

15 anos, a população penitenciária feminina cresceu 567%, enquanto a taxa de crescimento da masculina ficou em 220%, menos da metade. As mulheres representam 8% das mais de 600.000 pessoas em situação de privação de liberdade em nosso país. Parece pouco, mas esse índice é superior à média mundial e coloca o Brasil em 5.º lugar dentre os países com maiores taxas de encarceramento feminino, portanto, são muitas mulheres e é grande o silêncio cúmplice sobre elas.

Ainda com aporte nos dados do Depen, é possível traçar um perfil dessas mulheres esquecidas: 58% das mulheres estão presas por tráfico de drogas, um crime sem violência direta (diferentemente do que ocorre com alguns crimes patrimoniais, por exemplo), tendo sido condenadas a penas relativamente baixas – até 4 anos (19%) e entre 4 e 8 anos (35%). Entretanto, a despeito do que dispõe o art. 33, §2.º do CP, a regra é seu cumprimento em

regime fechado (45%). 68% dessas mulheres são negras e 80% são mães. Ademais, dados da América Latina apontam que as mulheres presas, em geral, eram trabalhadoras da economia informal (sem carteira assinada), em postos de trabalho precarizados (sem garantia de direitos trabalhistas e previdenciários). A despeito dessa condição de absoluta insegurança econômico-financeira, essas mulheres são, em sua maioria, chefes de família e responsáveis pelo sustento dos filhos, por isso, quando encarceradas, além de serem abandonadas por seus companheiros, são forçosamente afastadas deles, que passam a ser criados pelos avós, quando não encaminhados para adoção.

Nesse sentido, vislumbra-se que o massivo encarceramento feminino, além de violar os direitos humanos dessas mulheres, ao submetê-las a um sistema prisional superlotado, insalubre, que não respeita suas necessidades biológicas de mulher, e marcado por uma realidade de



Taylisi de Souza Corrêa
Leite, doutoranda em
direito pelo Mackenzie
e professora de direito
penal na FESL-SP.

Este artigo
foi publicado
originalmente no
Estadão Noite de
8 de março de 2016.

torturas e maus-tratos, já tantas vezes reconhecida por Organismos Internacionais – inclusive, no recente parecer do Relator Especial contra a tortura da ONU –, viola também os direitos humanos das crianças e adolescentes filhos e filhas dessas mulheres, privando-os do vínculo materno e rompendo laços de afetividade, o que pode trazer consequências irreparáveis, dentre as quais a perpetuação de ciclos de pobreza e exclusão em que eles, normalmente, já se encontram inseridos.

Diante desse quadro, torna-se imperioso refletir acerca das políticas criminais adotadas pelo Brasil em relação à população prisional feminina. Um dos caminhos para se repensar essa realidade passa pela discussão acerca da concessão do indulto, um instituto jurídico-penal que assegura o perdão da pena, com sua consequente extinção, tendo em vista o cumprimento de alguns requisitos, com base no art. 84, XII, da CF. Outra possibilidade

O QUE AS MAIS DE 37 MIL MULHERES APRISIONADAS E ESQUECIDAS NOS PRESÍDIOS BRASILEIROS ESPERAM E TÊM DIREITO É QUE SUPEREMOS O RANÇO PUNITIVISTA DE UMA SOCIEDADE ALIMENTADA DIARIAMENTE COM MEDO

seria a aplicação do regime domiciliar, autorizado pela própria Lei de Execuções Penais (Lei 7.210/84), em seu artigo 117, III, para mulheres que têm filhos menores. O impedimento concreto para sua aplicação, porém, é a dificuldade de progressão de regime prisional das encarceradas por tráfico de drogas, considerado um crime equiparado aos hediondos. Nesse sentido, o crescimento vertiginoso do encarceramento feminino no Brasil também pode ser explicado pela baixíssima taxa de beneficiamento das apenadas: como o tráfico também não foi alcançado pelos mais recentes indultos natalinos, é irrisório o número de mulheres por ele beneficiadas. Apenas para se ter uma ideia, em São Paulo, em 2014, apenas 65 mulheres foram contempladas com o indulto, número irrisório quando comparado com os

2.335 homens beneficiados, e esse número é ainda menor nos anos anteriores.

Atento a essa problemática, o Grupo de Estudos e Trabalho “Mulheres Encarceradas”, que atua desde 2001, conjuntamente com mais de 100 entidades que subscrevem a nota técnica enviada à Plataforma Brasileira de Política de Drogas e à Presidenta, propõe o Indulto do Dia da Mulher, pleiteando que a elaboração do decreto proceda a extensão do indulto às mulheres encarceradas, levando em conta dois pontos principais: (1) Que se contemple, dentre as hipóteses, as mulheres condenadas por tráfico de entorpecentes que tenham pena de até 5 anos; (2) Que, no caso de mulheres com filhos menores de 18 anos, leve-se em conta um período menor de pena cumprida para sua concessão, priorizando-se a relação dos filhos com as mães e poupando crianças e adolescentes o máximo possível das consequências nefastas da prisionalização de suas mães, notadamente os danos emocionais decorrentes do afastamento.

A proposta se alinha à postura de outros países que têm reconhecido a falência da política de “guerra às drogas”, passando a adotar medidas alternativas, objetivando reduzir as alarmantes taxas de encarceramento dela resultantes. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, colocou em liberdade cerca de 6.000 pessoas que respondiam por tráfico entre outubro e novembro de 2015. O Equador adotou, em 2008, indulto que incluía pessoas presas pela primeira vez por transporte de drogas, com até 2 kg de substância e que já tivessem cumprido 10% de sua sentença. A Costa Rica, por sua vez, incluiu em lei o critério de gênero na análise de proporcionalidade das penas e de atenuantes causados pela vulnerabilidade das mulheres, passando a aplicar redutores de penas em função da extrema pobreza, chefia de lar, responsabilidade sobre crianças e adolescentes, idosos ou pessoas com deficiência – uma iniciativa reconhecida pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) como boa prática a ser implementada por outros países.



© Mirko Delcald / freemagies

No dia 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, situada na cidade norte-americana de Nova Iorque, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais como redução na carga diária de trabalho para dez horas, equiparação de salários com os homens, e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho. Por conta da manifestação, as mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas. Esse episódio que sustenta, hoje, a existência do “Dia Internacional da Mulher” exemplifica magistralmente que as conquistas de direitos pelas mulheres são produtos de intensas lutas sociais, e não meros desdobramentos de um processo civilizatório modernizante.

Agora, neste 8 de março de 2016, o que as mais de 37.000 mulheres aprisionadas e esquecidas nos presídios brasileiros esperam e têm direito é que superemos o ranço punitivista de uma sociedade alimentada diariamente com medo e ousemos apoiar o perdão de suas penas, reconhecendo a falência da política de “guerra às drogas”, que apenas tem produzido

a sistemática violação dos direitos humanos das pessoas em maior situação de vulnerabilidade social. Por elas, por seus filhos e por nós, para que seja possível acreditar em nossa humanidade e em sua capacidade de (re)inventar mundos de vida.

SAGA DAS MULHERES

HELENICE FLORENTINO

Ela levantava sempre cedo, fazia a faxina, preparava as crianças para a escola, lavava e passava toda a roupa da casa. O almoço tinha que estar pronto antes do marido chegar. Depois que lavava as louças do almoço, ela auxiliava as crianças com a lição escolar, preparava o lanche da tarde e uma carne para o jantar. Embora não tivesse direito de participar das divertidas conversas com as visitas do marido, ela sempre servia a sobremesa na sala, observando o doce amargo daquela situação. Depois que deixava a cozinha limpa e colocava as crianças na cama, ela não tinha mais forças para ler um livro ou ouvir músicas e adormecia naquela prisão de sonhos.

Passados dias, ela era obrigada a votar antes




Helenice Florentino é professora do Departamento de Bioestatística do Instituto de Biociências da Unesp de Botucatu, SP.

de sair para o árduo trabalho. O dia era mais longo e ela dormia no ônibus para descansar os olhos. Não tinha hora para almoçar, mas também não tinha vontade, pois sua marmitta era mais fria que suas esperanças, mas as calorosas conversas com os colegas do trabalho eram mais quentes que o frio de sua invisibilidade do passado. Ela voltava para casa igualmente cansada e deixava muitas tarefas caseiras para o final da semana. Colocava as crianças na cama e adormecia deitada sobre aquela subordinação social.

Depois de um tempo, ela tomava emprestado o carro do marido para agilizar suas atividades, como deixar as crianças na escola, fazer compras no supermercado, passar no salão de beleza e muitas outras. Precisava estar com uma boa aparência para assumir o ótimo cargo que conquistou no escritório e sair para jantar com o marido. Deixava as crianças na casa da avó, sempre bem vestida e penteada caminhava com passos lentos rumo à esperança de atingir uma concorrência leal.

Hoje ela acorda cedo, coloca as crianças na van, pega seu carro e vai rápido para o trabalho, preside importantes reuniões e toma grandes decisões. Ela almoça em um centro comercial próximo ao escritório, para dar tempo de ver algumas roupas e sapatos. Arruma sempre os cabelos e unhas, pois na oportunidade, pode sair com as amigas para uma confraternização em um bar da moda ou um evento cultural. Deixando as crianças com a babá e buscando novos horizontes.

Não poderá dormir tarde, como fazia na época de suas pós-graduações, pois tem que tomar voos logo cedo para coordenar milionários projetos, o que sempre faz com muita competência. As diversas viagens internacionais a obrigaram a estudar línguas. Terá que montar um bom esquema para sua vida doméstica, mas poderá contar sempre com a ajuda de algum Aplicativo. Voará tão alto que alcançará seu companheiro que já está lá no topo.

Bisavó, avó, mãe, filha, neta! Como pode a vida de pessoas da mesma família ser tão diferente? 

UM POEMA PARA AS MULHERES DO BRASIL

VANDERLAN BOLZANI

Aroeira do sertão, verdinha nunca seca!

Beleza que traz esperança pro Sertão.

Linda e frondosa, é planta forte,

é mulher do sertão!

Vitória Régia, da Amazônia,

feito mulher amada,

encantadora e esplendorosa,

faz o poeta delirar!

De árvores tortuosas e exóticas, o cerrado feito mulher,

cheio de mistério é enigmática!

e o coração não se revela!

Lá do pantanal, como as ararinhas azuis,

Mulheres de todos os cantos e recantos

voam livres e formosas,

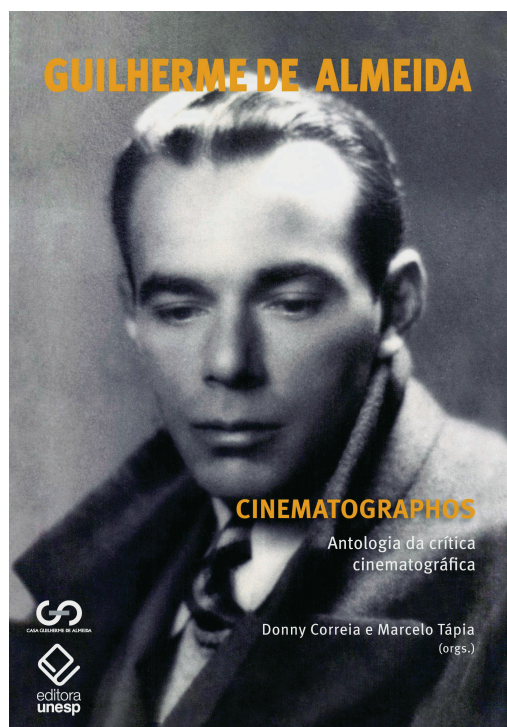
em busca das nuvens num céu de anil!

E se lhes cortam as asas, sonham!

E vão se arrastando, toando o canto

triste de uma jaçanã!

Vanderlan Bolzani, professora do Instituto de Química da Unesp de Araraquara e diretora executiva da Agência Unesp de Inovação.



Críticas cinematográficas de Guilherme de Almeida

É um livrão para encher os olhos de qualquer apaixonado por cinema. Com quase 700 páginas, *Cinematophos: Antologia da crítica cinematográfica*, da Editora Unesp, em parceria com a Casa Guilherme de Almeida – Museu da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, gerenciado pela POIESIS – é uma seleção de 218 textos sobre cinema publicados pelo grande poeta modernista Guilherme de Almeida no jornal *O Estado de S. Paulo*, no período de 1926 a 1942.

Entre crônicas e críticas, Guilherme de Almeida dissecou a força sedutora da arte cinematográfica, que pode se manifestar tanto no humor satírico de *Tempos Modernos* quanto no movimento silencioso de *O Encouraçado Potemkin*. Mas não se trata apenas de uma coletânea. É, também, uma aventura. Acompanhamos o autor em suas impressões sobre a evolução tecnológica do cinema, a censura,

a chegada do filme sonoro, a resistência a essa novidade e outras impressões saborosas sobre o lançamento de grandes clássicos da época. ^{UC}

SOBRE OS ORGANIZADORES

Donny Correia, poeta e cineasta, é mestre e doutorando em Estética e História da Arte pela USP e bacharel em Letras – tradutor e intérprete pelo Centro Universitário Ibero-Americano (Unibero). É coordenador de programação da Casa Guilherme de Almeida.

Marcelo Tápia, poeta, tradutor, ensaísta e professor, é graduado em Letras (Português e Grego) e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. É, atualmente, professor pleno do Tradusp – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da FFLCH-USP. Dirige o museu Casa Guilherme de Almeida – Centro de Estudos de Tradução Literária, em São Paulo.

Cinematophos: Antologia da crítica cinematográfica – Guilherme de Almeida;
Organização: Donny Correia e Marcelo Tápia;
Seleção e notas: Donny Correia;
679 páginas; R\$ 95;
<www.editoraunesp.com.br>.



Filmes que concorreram ao Oscar são analisados

PROFESSORES DA UNESP ENFOCAM OBRAS POR ÂNGULOS DIFERENCIADOS



O IRREAL QUARTO DE JACK

JOÃO EDUARDO HIDALGO

No nascimento do cinema os Irmãos Lumière apresentaram a descoberta como uma invenção, o prestidigitador George Méliès (1861-1938) que viu a sessão não concordou com eles; os irmãos não se interessaram nem em discutir o assunto e muito menos em vender uma de suas câmeras originais. A nova expressão artística nasceu como registro científico, um processo químico, portanto racional (documento do real) e Méliès mostrou a todos que ele poderia ser uma técnica de fabulação. Os franceses e americanos foram os primeiros a interessarem-se pelo dispositivo que permitia colocar pessoas e objetos na frente de uma lente e criar uma narrativa, inspirada na literatura do final do século XIX. Depois de muitas tentativas e suposições, a linguagem cinematográfica já estava estabelecida antes do final da segunda década do século XX. O termo “documentário” foi cunhado por John Grierson (1898-1972), cineasta inglês do General Post Office Unit Film, numa resenha crítica sobre o filme *Moana*, de Robert Flaherty (1884-1951), para o jornal *New York Sun*, em fevereiro de 1926, criando a partir daí a clássica oposição ficção/documentário.

O filme irlandês/canadense *Room* (*O quarto de Jack*, 2015) foi uma das grandes surpresas do Oscar deste ano. Falando de um tema trágico que estranhamente assola majoritariamente o norte da Europa e os Estados Unidos, o rapto e abuso sexual de menores e jovens, cativou crítica e público. Sendo um filme de ficção, ele trouxe para o tema mais atenção e discussão que os casos reais, que são muitos, nos quais se inspirou. O roteiro do filme foi feito pela escritora irlandesa Emma Donoghue, que escreveu o livro em 2010. Muitas foram as ocorrências de desaparecimento e abuso sexual de menores no período, mas uma ficou particularmente conhecida, o de Natascha Kampusch, menina sequestrada na periferia de Viena, em 1998, aos 10 anos,

e que conseguiu escapar em 2006, já com 18 anos. Nesse mesmo ano foi lançado na Inglaterra o livro de Allan Hall e Michael Leidig *Girl in the Cellar: The Natascha Kampusch Story* e o canal britânico Channel 5 criou um documentário com uma longa entrevista com Natascha e com imagens minuciosas de seu cativeiro em cinco metros quadrados. O caso teve uma imensa repercussão na Europa e enfaticamente no Reino Unido, onde vive Emma Donoghue. Natascha Kampusch lançou seu livro em 2010, mesmo ano de *Room*, com o título de *3096 tage* (*3096 dias*). Em 2013 a história real de Natascha virou filme, *3096 tage* (*3096 dias de cativeiro*, no Brasil), realizado na Alemanha, para distanciar-se da polêmica na Áustria.

O livro de Emma Donoghue, *Room – a novel*, é uma ficção, como o próprio título esclarece; o de Natascha Kampusch, *3096 tage*, é um relato real em primeira pessoa. Para o cinema temos as bases de um drama e a de um documentário, mas a própria origem do cinema o liga a uma narrativa visual e sonora que é sempre uma recriação da realidade, seja ela ficção ou registro do real. Os dois gêneros têm a marca da reprodução e da artificialidade, seja ela uma excessiva ficção ou uma suposta realidade objetivamente reencenada; a realidade “verdadeira” (documentário) parece mais difícil de transmitir que a artificial (ficção). Este é meu ponto de vista nesta comparação de *Room* e *3096 tage*.

Nas duas obras criadas a partir da experiência de Natascha Kampusch – a ficção *3096 tage* (*3096 dias de cativeiro*) e o documentário *Girl in the Cellar* (2006) – prevalecem as técnicas convencionais de registro no cinema. O drama é competentemente encenado, a atriz irlandesa Antonia Campbell-Hughes emagreceu mais de quinze quilos para viver o papel e está contida e intensa, já o protagonista masculino não tem o mesmo talento. Mas as cenas são arrastadas, a câmera está sempre fixa enquadrando o cenário de forma simétrica. Os planos são bem ensaiados e a



João Eduardo Hidalgo é Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo e pela Universidad Complutense de Madrid. Professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp de Bauru

monotonia se instala. Caso tenha sido intenção passar a solidão e o tardar das horas e dos dias, o filme acabou contaminando-se do artifício e ficou sem ritmo e pouco verdadeiro. O documentário da TV inglesa é didático demais, descreve, analisa, dissecar e não chega a nada. E os dois têm um problema fundamental: a falta de distanciamento, fruição e mediação. Kampusch exagera nos detalhes e nos dados e não consegue nunca atingir a contundência que a experiência necessita, ela informa e não emociona ou modifica a nossa experiência sobre o fato.

Totalmente oposto é o resultado de *Room* (2015), o enredo e o cenário mínimo desdobram-se em imagens e situações inusitadas e aparentemente sempre novas. Já nas primeiras imagens vemos fragmentos de objetos que identificaremos depois, como o abajur, a pia, a mesa. No enquadramento vemos primeiros planos e closes do rosto de Jack e de sua Mãe (mãe), quando eles se falam, a câmera, que parece estar pousada no ombro da mãe, gira de sua face para a de Jack. Esta câmera é ágil, se movimenta o tempo todo e são usadas várias lentes que deixam o quarto redondo, escuro, grande ou pequeno, alongado e muitas vezes o

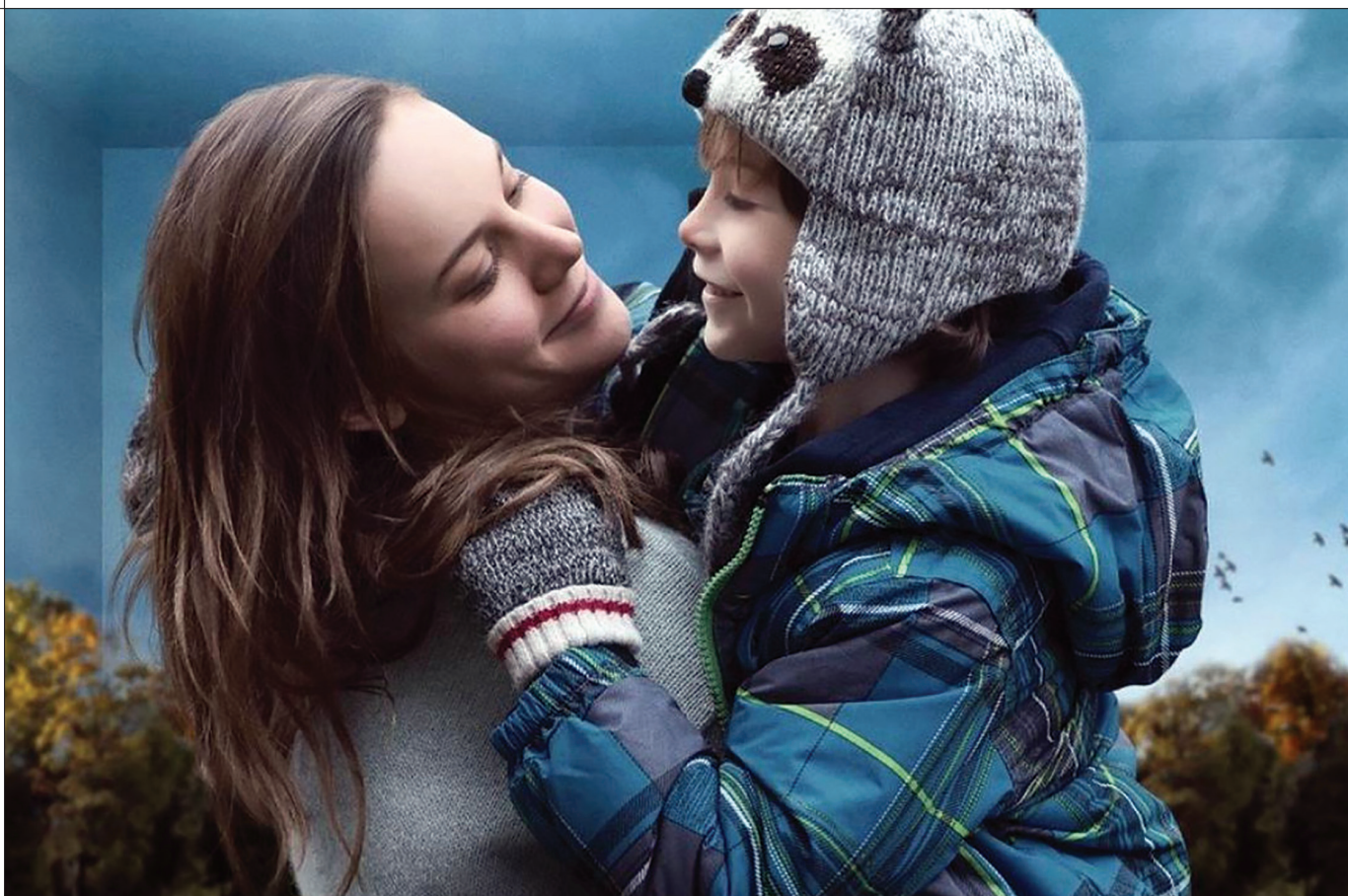
O ENREDO E O CENÁRIO MÍNIMO DESDOBRAM-SE EM IMAGENS E SITUAÇÕES INUSITADAS E APARENTEMENTE SEMPRE NOVAS

foco não é regulado, deixando os personagens ou objetos distantes desfocados (na vida vemos assim). Dentro de uma rotina surreal, mãe e filho fazem exercícios juntos, a câmera os olha de cima, pequenos e isolados no chão. Mãe faz com que Jack corra de um lado para outro e gire em 360 graus, acompanhamos e tomamos consciência de como é mínimo o espaço físico. A mãe estimula Jack a ter aptidão física e principalmente nenhuma limitação mental.

Vemos que Mãe tem olheiras profundas, marcas de golpes já cicatrizados, os lábios sem cor e o cabelo desalinhado. Os cabelos têm mais

de cinco anos sem corte, Jack tem o dele na cintura. As roupas têm uma aparência de muito usadas e Mãe as lava e coloca em um varal dentro do quarto, cabe tudo nesse espaço. E Jack o explora de todas as maneiras e ângulos, adora olhar para a claraboia, que é a janela para o “lá fora”, o mundo. Esta claraboia traz o sol para este ambiente, Jack o manipula refletindo sua mão na parede, importante lembrar que a única outra ligação com o mundo exterior é uma TV (outro reflexo). Jack afirma que a comida também vem dela, como mágica. Aos poucos a Mãe mostra a diferença entre o que é fantasia: desenhos, e o que é realidade: jornal, entrevistas. A figura masculina aparece neste ambiente como a representação do mal: primeiro o repulsivo Old Nick e depois o rato, que Jack quer transformar em amigo; os dois são afastados dele pela Mãe.

Room começa com uma narração em off (quando o personagem não aparece) de Jack que diz: era uma vez... Já no livro ele nos informa em primeira pessoa que “hoje tenho cinco anos”. Esta data é marcada por um bolo de aniversário e pelo início do esclarecimento de dados que até agora Jack entende como sendo todos de um mesmo universo, o do quarto. Num momento chave do filme ele pergunta para onde vai quando sonha e a Mãe responde que ele fica no quarto mesmo. Com trinta minutos de filme Mãe esclarece que está neste lugar porque foi ajudar um homem que disse que tinha um cachorro doente, quando ela tinha 17 anos, e sete se passaram desde esse dia. Depois de muito pensar Mãe decide que Jack vai fingir-se de morto e ela o colocará dentro do velho tapete, Old Nick não terá outra alternativa a não ser levá-lo para longe e enterrar o corpo. A armadilha funciona e Jack consegue fugir do interior do tapete e mesmo alucinado pelo azul do céu, pela grama, pelo espaço consegue gritar e pedir ajuda, a libertação da Mãe vem em seguida. Depois da primeira parte do filme fica a impressão de que a única parte imaterial do filme é o quarto, pois ele consegue ser mais amplo e universal que o mundo exterior. A explicitação de que



© Universal Pictures / Reprodução

estamos em Akron, Ohio e de que Ma é Joy e que tem uma mãe e um pai rompe com a verossimilhança da imaginação de Jack, mas não invalida o desfecho. Jack com sua imaginação ilimitada está pronto para o mundo, Ma (Joy) terá problemas, pois deverá enfrentar todas as consequências do brutal crime do qual foi vítima, e de como ele mudou a sua vida e a de sua família, sem que eles tenham controle sobre isso. Estas oposições real e irreal dentro do filme fazem parte da verossimilhança que a maioria dos filmes criam na sua construção. O livro e o filme *Room* têm a qualidade de representar uma multiplicidade de vozes, dos que foram vítimas deste crime incompreensível e desumano, e como são uma representação desta realidade podem transcendê-la, por serem maiores que a síntese ou simples registro da mesma.

Um exemplo que explicita este meu argumento é o filme *Le cerf-volant* (*Sob o céu do Líbano*, 2003), que é um documento vivo da incompreensível e injustificável guerra judeu/palestina no Oriente. Nesta ficção estão con-

tidas a condição de submissão de um povo ao outro, pelo poder econômico, a submissão da mulher e a incapacidade de todos em encontrar o caminho da redenção. E a sensível diretora Randa Chahal Sabbag (1953-2008) ainda nos brinda com uma segunda ficção dentro desta ficção, quando os dois apaixonados (uma libanesa e um israelense) aparecem juntos no alto da torre de observação, metaforizando a impossibilidade/insustentabilidade da realidade contemporânea da região. Quando Jack volta com sua mãe para visitar o quarto onde nasceu e ficou preso cinco anos sintetiza: “ele é tão pequeno”. Concordo, grande é a capacidade humana de tecer, a partir da realidade, uma narrativa que a espelhe de uma maneira tão completa, que uma fração deste real nunca encontrará correspondência dentro da complexa teia que ela ontologicamente contém; como um ponto já conteve toda a matéria do universo, antes do big bang. O quarto de Jack é este ponto cientificamente ficcional e ilimitado. Um drama ou documentário no cinema passam pelo mesmo fator criativo, a capacidade humana de fabular.

O longa conta a história de Jack (Jacob Tremblay), um menino de cinco anos que é criado por sua mãe, Ma (Brie Larson).



Em *O Regresso*, Hugh Glass (Leonardo DiCaprio) parte para o oeste americano disposto a ganhar dinheiro caçando.

O REGRESSO, DE ALEJANDRO GONZÁLEZ IÑÁRRITU

VALDEMIR PIRES

O regresso (*The Revenant*) rendeu três Oscars: direção, melhor ator (para Leonardo Di Caprio, que nem precisou decorar texto, mas teve que introjetar profundamente um Hugh Glass dilacerado por dentro e por fora, o tempo todo) e melhor fotografia (uma valorização das grandes tomadas para mostrar a força da natureza e a pequenez do homem, além de sua capacidade de se adaptar e resistir).

Trata-se de uma película tipicamente hollywoodiana, à base de uma saga de herói (Christopher Vogler explica e pontifica a respeito deste formato) em contexto de faroeste, na qual os personagens são planos, simples, represen-

de confronto, enfrentamento de adversidades de uma jornada dura e perseguição; e graças, também, à descompressão proporcionada pelas tomadas em que americanos, franceses e indígenas são engolidos e às vezes mastigados pela natureza onipotente do Novo Mundo, selvagem pela geografia e também pelos seus ocupantes originais.

O fio condutor da trama: Hugh Glass regressa (praticamente da morte) para vingar o assassinato do filho (Hawk, Forrest Goodluck) e o próprio abandono à sorte (depois de gravemente ferido por um urso), por John Fitzgerald (Tom Hardy); ele que antes vivera o trauma de ter sua mulher (uma “pele vermelha”) morta por homens brancos que atacaram sua tribo, ferindo inclusive o filho, salvo por ele.

Cobiça, obstinação e vingança são os temas. A história é de homens em busca de riqueza (peles e não ouro ou pedras e metais preciosos), enfrentando obstinadamente o rigor das estações, as adversidades geográficas, doenças e acidentes, ataques dos índios ferozes e, destacadamente, a possibilidade de traição entre eles próprios. A intolerância à traição é magnificada: o traidor é caçado até a morte – final justo, mas não feliz.

A INTOLERÂNCIA À TRAIÇÃO É MAGNIFICADA: O TRAIADOR É CAÇADO ATÉ A MORTE – FINAL JUSTO, MAS NÃO FELIZ

tando bem e mal de modo completamente maniqueísta, absorvendo o espectador por 2h36min, graças à tensão presente nas cenas

Imerso em um ambiente tão hostil, um grupo de poucas dezenas de homens não pode tolerar, de modo algum, um quinta coluna entre eles. Embora tenha sido necessário Glass se converter em herói para vir a vingar-se de Fitzgerald (que zomba até mesmo de Deus: Ele é um esquilo, muito bom para se comer quando se está faminto), foi antes buscado pelo capitão do grupo (Andrew Henry, Domhnall Gleeson) para ser justificado por não honrar ter sido pago para cuidar de Glass em sua convalescença e enterrá-lo dignamente caso viesse a falecer. No confronto, morre o capitão. O mal vai vencendo.

Mal que acossa a consciência, cada vez mais pesada, de Bridger (Will Poulter), conhecedor das atrocidades de Fitzgerald e, à revelia de sua vontade, cúmplice dele. Mal que os homens brancos vivem questionando se prevaleceria também entre os índios (Não teria sido melhor os americanos não terem feito o que fizeram com os “peles-vermelhas”?) – questionamento que no filme se apresenta na forma onírica de falas consoladoras e incitadoras da mulher morta de Glass e que reaparece na caçada aos franceses que raptaram a filha de um chefe tribal.

Visões de mundo em confronto, valores em jogo. Num contexto de valores minguentes, em que a sociedade americana chafurda na lama de uma crise provocada pela exacerbação de seu mote principal, bandeira de seu processo civilizatório: os negócios e a sagacidade individual. Que não deixam margem a poesia alguma: como imaginar um homem branco se divertindo com o ato de esticar sua língua para recolher flocos de neve e engoli-los, em meio à ameaça de uma tempestade que vem chegando, estando eles sem abrigo?

DILEMAS MORAIS NO FILME A GRANDE APOSTA

VALDEMIR PIRES

○ filme *A grande aposta*, de Adam McKay, traz para a telona o livro de Michael Lewis, *The Big Short: Inside the Doomsday*

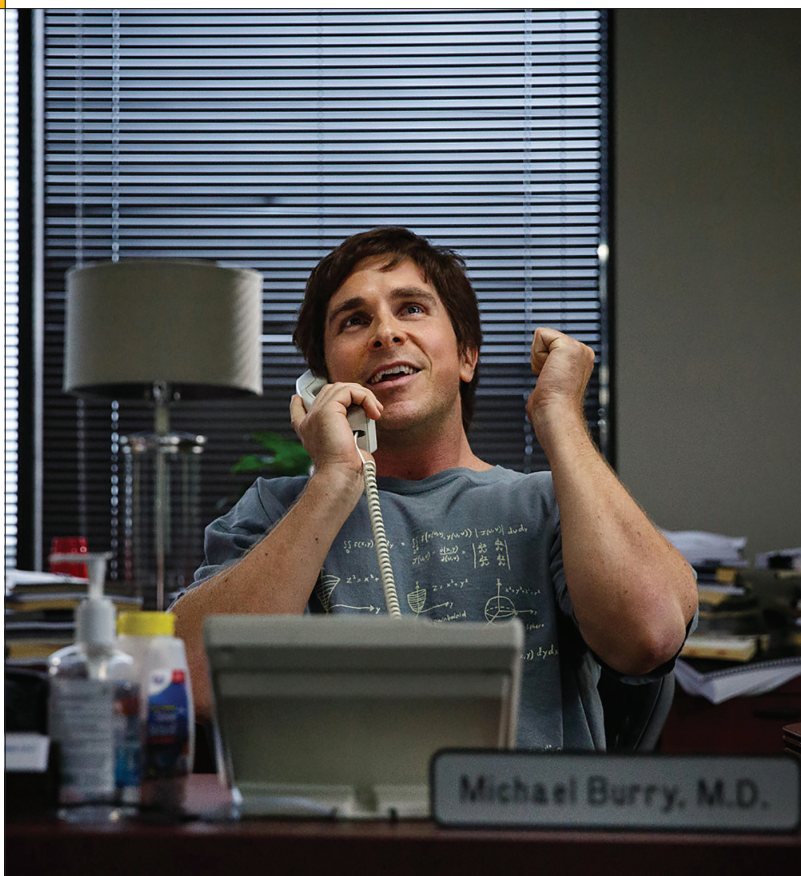
Machine (publicado no Brasil como *A Jogada do Século*), a respeito da crise financeira iniciada nos Estados Unidos em 2008, derramando-se por todo o mundo, com efeitos que ainda perduram e provocam perplexidade, além de muito choro e ranger de dentes.

Se a intenção do filme foi ser didático (o que às vezes parece), foi mal, mesmo com as cenas da pirâmide de tocos de madeira representando títulos de dívida de acordo com as classificações de risco (que rui) e da beldade na banheira explicando o que é merda no mercado financeiro (Margot Robbie). Ninguém, leigo em economia ou autodidata em finanças, sai da sala entendendo os meandros da crise financeira, a não ser no seu aspecto de fruto de muita sacanagem: gente procurando ganhar dinheiro a rodo, com pouco trabalho e muita esperteza, às custas de quem sua a camisa para viver, no máximo, no padrão de classe média, nem sempre americana. *Inside job* (*Trabalho interno*, na versão brasileira), de 2010 (direção de Charles H. Ferguson), é mais denso em informações e “mais explicadinho”, além de explorar o alastramento da crise mundo afora. Aliás, é recomendável vê-lo antes de *A grande aposta*: complementam-se, de algum modo.

O mais interessante da trama que costura o filme é o confronto de modos de ver e se posicionar diante de situações que impõem dilemas morais severos. A grande questão é saber até que ponto é possível e admissível ganhar dinheiro trapaceando. Tendo o mercado financeiro e imobiliário americanos se transformado num verdadeiro cassino, com os títulos podres (subprimes) se transformando em alicerces de jogadas arriscadas e malandras, escondidas em produtos “criativos”, vendidos pelos bancos e seguradoras, sem limites nem cuidados, os investidores, aplicadores, corretores, banqueiros, e suas organizações e entidades, passaram a atuar como especuladores sem qualquer noção de responsabilidade e consequência. E os crédulos “trouxas” – gente em busca de financiamento para casa própria, algumas pessoas que aproveitavam as facilita-



Valdemir Pires é professor e pesquisador do Departamento de Administração Pública da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp.



© Paramount Pictures / Reprodução

Michael Burry (Christian Bale) é o dono de uma empresa de médio porte, que decide investir muito dinheiro do fundo que coordena ao apostar que o sistema imobiliário nos Estados Unidos irá quebrar em breve.

des creditícias para viver acima de suas poses, gestores de fundos de pensão procurando garantir seus beneficiários na aposentadoria etc. – sendo levados de roldão, descobrindo o logro só depois de Inês já morta.

O Dr. Michael Burry (Christian Bale) personifica o sujeito lógico que, quase desprovido de habilidades de relacionamento humano, altamente envolvido com a matemática – um “cabeça de planilha” quase autista – percebe que o sistema vai quebrar. Aposta tudo nisso, amarga a descrença e a pressão por um tempo; e termina ganhando. A mensagem: lógico que não poderia dar certo, era tudo como uma dessas “pirâmides financeiras”, em que o último a embarcar perde tudo o que pôs (na busca pueril de multiplicação espetacular, rápida e fácil da riqueza), porque os primeiros levaram tudo embora antes.

Já Mark Baum (Steve Carell) representa o apostador com escrúpulos, pelo menos um mínimo (vivendo por isso altamente estressado, o tempo todo, consciência pesada). Recusa-se até o final a crer que a trapaça se alastrara até o último poro do sistema. Só vende seus

papéis depois de remoer até o osso a culpa por estar ganhando às custas do desastre para muita gente. A mensagem: “Caramba! Não acredito que vocês todos foram tão longe”. Chega a dialogar asperamente com uma técnica de agência de avaliação de crédito que, ao fim, lhe diz: “Olha, se eu não dou tripla A para todos os títulos que aparecem por aqui, a agência concorrente, ali na esquina, o faz. Você quer o quê?”

No contraponto a Mark, dois garotos aventureiros em busca de fermento para seus bolinhos de dólares (típicos de Wall Street) – Charlie Geller (John Magaro) e Jamie Shipley (Finn Wittrock) –, agindo nos interstícios do sistema: não estão nem aí para o que acontece fora de seus bolsos quando arriscam seus caraminguás. Quando ganham alto, dançam feito crianças, na rua, terminando admoestados por quem os estava ajudando, Ben Rickert (Brad Pitt): “Por acaso estão felizes por ganhar, enquanto milhões estão perdendo seus empregos e seus lares?” (Valeu, Brad, ou melhor, Ben, mas você voltou do mato por quê, depois de ter fugido desse mundo selvagem das operações bancárias e financeiras?).

Infelizmente, o filme ainda não acabou... embora os dilemas morais estejam, já, aparentemente, esquecidos, outra vez...

A GAROTA DINAMARQUESA

PATRICIA PORCHAT

A *Garota Dinamarquesa* não é apenas um filme sobre a transexualidade. Aborda também as relações de gênero: entre homem e mulher, entre mulher e mulher e entre homem e homem. Com atuação fantástica dos atores, percebemos a sutileza dos olhares, gestos e falas que numa relação a dois identificamos normalmente como femininas ou masculinas, não importando se o autor da ação nasceu homem ou mulher do ponto de vista anatômico. Gênero tem um forte aspecto de determinação social.

Gerda, esposa do pintor Einar, às vezes se dirige a ele como se fosse um homem se diri-




Cinebiografia de Lili Elbe (Eddie Redmayne), que nasceu Einar Mogens Wegener e foi a primeira pessoa a se submeter a uma cirurgia de mudança de gênero.

gindo a uma mulher. Em outros momentos, faz a esposa apaixonada às voltas com seu marido. Quando Lili (a mulher que habita no corpo de Einar) se torna mais presente, Gerda por vezes parece estar se dirigindo a uma amiga. Einar, por sua vez, performa inicialmente o homem junto a outros homens, mas como mulher (Lili) se derrete por um homem que tenta seduzi-lo.

A *Garota Dinamarquesa* nos dá uma verdadeira aula sobre o que a filósofa americana Judith Butler entende por gênero: um ato performativo. Uma performance que imita gestos ditos masculinos e femininos e que nos dá a ilusão de sermos homens ou mulheres. Há uma quase espontaneidade nesses gestos, eles brotam em nós. São aprendidos desde a infância, imitamos, interiorizamos e repetimos esses atos a tal ponto que chegamos a acreditar que nascemos e brotamos de modo natural. Não é verdade. Gênero está no social, no discurso, no cotidiano. No entanto, na própria definição de Butler, algo pode falhar na repetição que fazemos desse aprendizado. E não falha porque aprendemos mal e

sim porque nosso corpo e aquilo que ele nos proporciona em termos de sensações não se traduz plenamente no discurso que está à nossa disposição. As palavras não são suficientes, os gêneros disponíveis na sociedade (homem e mulher) não são suficientes, as categorias que usamos para enquadrar, encaixar e engavetar as experiências corporais não são suficientes. Para muita gente, é preciso inventar um jeito de ser, pois o que está disponível na ordem social não basta.

Essa é uma maneira de encarar a transexualidade. Tratar-se-ia, melhor dizendo, de uma transidentidade, uma identidade que não se adequa ao gênero binário: homem ou mulher, assim assinalados a partir do órgão genital com que nascemos. É uma identidade fluida, podendo ser em alguns momentos mais próxima do que chamamos de homem ou mulher, dada uma maior quantidade de elementos que identificamos como masculinos ou femininos. De onde parte, afinal, a ideia de uma adequação total ao gênero masculino ou feminino, senão das instâncias de controle, como o Direito, a Medicina e a Religião? 



Patricia Porchat é professora do Departamento de Psicologia da Unesp de Bauru.



de 1890 se realizassem manifestações em todo o globo para a redução da jornada de trabalho, recordando os mártires de Chicago.

O tema foi colocado na pauta política e, no dia fatídico, em muitos países aconteceram passeatas, festas, greves. Em alguns, como no Império Russo, a repressão foi dura. A América Latina também esteve presente com cortejos em Havana, Ciudad de Mexico e Buenos Aires.

O congresso da Internacional Socialista em Bruxelas (setembro de 1891), constatando o êxito do movimento em tantos espaços geográficos, aprova uma resolução histórica: tornar permanente o 1º de maio como “festa dos trabalhadores de todos os países, durante a qual o proletariado deve manifestar os objetivos comuns de suas reivindicações, bem como a sua solidariedade”.

A decisão havia sido tomada. Muita luta e muito sangue ainda iria correr para consoli-

dar esta data. Mas foram vitoriosos. A cada ano, milhões de trabalhadores e trabalhadoras se encontram para lutar e festejar o seu dia.

E no Brasil? No momento da proclamação da República, a escravidão terminara havia pouco mais de um ano. A condição do trabalhador era muito simples: não possuía direito nenhum. Mas as leis eram generosas em distribuir penalidades a quem se rebelasse. Terreno adverso, pedregoso, difícil para germinar a flor de maio. Alguns pequenos jornais, quase clandestinos, circulam com a ideia como o “1 di Maggio” em São Paulo.

Em abril de 1894, reúnem-se socialistas e anarquistas para aderirem ao apelo da Internacional Socialista. O encontro acabou mal, pois a polícia interrompe e reprime, levando todos para a prisão. O delator havia sido o cônsul italiano em São Paulo.

A cidade que teve a primazia de realizar uma reunião comemorativa do 1.º de maio



foi Santos, em 1895. Este ato, em ambiente fechado, foi incentivado por Silvério Fontes, considerado por Astrojildo Pereira o primeiro socialista brasileiro de tendência marxista.

Não seria possível nestas poucas notas, contar as inúmeras publicações, greves, manifestações, festas, prisões, maus-tratamentos, assassinatos, expulsões de estrangeiros, que aconteceram na luta pelas 8 horas.

O Brasil participou da Primeira Guerra Mundial e, como Estado beligerante, assinou os tratados internacionais. Para levar milhões de proletários ao massacre nas trincheiras, os principais países envolvidos prometeram a redução do horário de trabalho entre outras melhorias sociais. Os delegados brasileiros, Carlo Sampaio e Melo Franco, representando o governo brasileiro, declararam não poder aceitar as 8 horas pelo estágio de civilização atrasada em que vivia o Brasil: típico da diplomacia brasileira, quando se trata de respeitar

os direitos sociais e humanos.

Depois de 1919 o movimento dos trabalhadores entra em refluxo no mundo e no Brasil. Assim sendo, a oligarquia brasileira foi generosa. O decreto presidencial de Arthur Bernardes no 26 de setembro de 1924, declara: “É considerado feriado nacional o dia 1.º de maio consagrado à confraternização universal das classes operárias e à comemoração dos mártires do trabalho”. Porém, para não pairar dúvidas, na mensagem ao Parlamento de 1925, sobre o decreto mencionado, está registrada a seguinte passagem: “A significação que essa data passou a ter, nesses últimos tempos, consagrando-se não mais a protestos subversivos, mas à glorificação do trabalho ordeiro e útil, justifica plenamente o vosso voto”.

E como a história não pára, ainda a luta continua, para conseguir as 40 horas semanais e por um 1.º de maio combativo de trabalhadores! ^{UC}

José Luiz Del Roio é diretor do Instituto Astrojildo Pereira e do ASMOB – Arquivo do Movimento Operário Brasileiro, cujo fiel depositário, desde 1994, é o Centro de Documentação e Memória da Unesp.

Os caminhos que tomamos

UMA REFLEXÃO
EM FORMA DE
CONTO

Salim Maalouf já havia se instalado confortavelmente em São Paulo, mas o nascimento de seu primogênito, com aquele rosto tão puro e radiando esperança, o fez voltar ao Líbano para visitar, talvez pela última vez, seus queridos avós. Antes, passou pela Terra Santa e sentiu-se na obrigação de ajudar aquele povo tão pobre, sofrido e desencaminhado, já que ele, Salim, parecia àquela altura da vida ter tudo.

Percorreu igrejas, mesquitas e sinagogas, pregou como um verdadeiro profeta. Os drusos lhe abriram as portas e os segredos, pois ele falava do coração. Samaritanos e curdos o aceitavam como um deles. O que Salim falava? Um mix de história, bom senso e esperança, só isso. Mas falava bem, com sua boca larga e seus olhos vívidos. Dizia que todos eram um povo só. Que os judeus eram insuportáveis mas no fundo boa gente.

Que os romanos, que haviam criado aquela miséria toda, também se você fosse pensar bem não eram mais que uns tolos. Que havia entre eles, árabes, uns radicalismos, mas por um



bem comum ninguém deveria guardar rancor. Pregava. “Nós somos os judeus que ficaram quando os romanos foram embora. É isso que nós somos”, Salim falava cativante, um pouco confundindo e outro pouco explicando. “Não podemos brigar uns com os outros.”

As palavras de Salim multiplicaram-se. Os que o ouviam eram tocados pela mesma pureza e esperança com que seu filho o havia tocado. Era mágico. O mundo árabe inteiro, de um modo estranho e inesperado, acolhia os judeus europeus em busca de uma pátria própria. Salim adiava sua volta ao Brasil. Parecia pressentir que sua presença na Terra Santa se fazia mais necessária.

Quando as perseguições começaram, de boca em boca se soube que os árabes tinham as portas abertas. Judeus iam despencando da Europa de trem até cidades mediterrâneas, cruzando fronteiras a pé, e lá encontravam barqueiros que os levavam, de ilha em ilha, até a África do Norte ou o Levante. Pela Turquia, iam de jipes ou em caravanas de camelos que até lá subiam para os buscar.



© Nicole_80 / freemagies

Chegando, passavam fome, dormiam em tendas ou em galpões apinhados, pois não havia fartura. Mas estavam vivos e logo se ajeitavam, gratos aos que haviam lhes salvo a pele. Sem dinheiro, gasto em fronteiras e passaportes falsos, não tinham como agradecer. Os locais, árabes, bérberes e subsaarianos, lhes diziam: você vai me pagar um dia, não se preocupe. E eles não se preocupavam.

Os meses corriam, às vezes anos. Aguardavam vistos para outros países, fixavam-se ou iam para a Palestina, comendo poeira e correndo riscos. Muitas vezes com saudades doídas dos que haviam tombado pelo caminho. Juntavam-se aos aliados em alguns países, em outros sabotavam o governo inimigo. Viviam, abriam negócios. Até casavam. A guerra terminava. Mudavam-se.

Espalhados pelo antigo Império Britânico, queriam retribuir. A princípio tinham pouco, então se associavam em torno da cidade onde haviam sido primeiro recebidos e para lá enviavam recursos para um posto de saúde ou uma escola, mas depois, com a fartura, para

um hospital ou uma universidade e por fim para teatros e bibliotecas. Aos poucos foram criando o hábito de voltar à cidade anfitriã para reencontrar amigos locais e refugiados como eles, num dia do ano que chamaram de Dia da Chegada.

Nesse dia, lembravam com pesar os entes queridos que não tinham sobrevivido à dura jornada, assim como seus salvadores, muitos dos quais igualmente vítimas da perseguição. Mas lembravam fundamentalmente da chegada ao mundo árabe como um recomeço, uma oportunidade milagrosa de retomar a vida interrompida na Europa pelas loucuras do fascismo. Aproveitavam para fazer negócios e arrumar casamentos. O Mediterrâneo todo ficava em festa!

Na Palestina, os judeus hesitavam em declarar a independência. Sim, queriam um país. Árabes, mesmo drusos e beduínos, apoiavam a empreitada. Mas o dinheiro era curto, e os judeus sabiam que gerir um país não seria fácil. Aguardavam. Os ingleses já haviam dado um *ultimatum*, pois não tinham como se sustentar



mais lá e nem paciência para ficar. Também tinham sua ilha para reconstruir.

Negociaram com russos e americanos, exagerando para uns a generosidade do outro, e assim obtiveram recursos: casas, tratores, escolas, o mínimo do mínimo já estava garantido. Agora assim poderiam dispensar os ingleses sem deixar a população desassistida. Foi uma independência tranquila, mais um “tchau, volte sempre” do que uma ruptura heróica de um algoz opressor. Melhor assim.

A CRISE DE 2008 AFETOU MAIS A UNIÃO DO LEVANTE, ALTAMENTE CONECTADA AOS MERCADOS FINANCEIROS, QUE A EUROPA E OS PRÓPRIOS ESTADOS UNIDOS

Nem tudo eram flores, claro. Tiveram um trauma terrível em 1972, em solo europeu ainda por cima. O cinema israelense, vocês sabem, ia muito bem ao final dos anos 1960, com a pujança do país, a proliferação de estúdios e escolas especializadas. E sucesso gera inveja. Na cerimônia de premiação do Festival de Cannes, nem todos gostaram do resultado.

Na confusão, um jovem bahai acabou com o pescoço enrolado numa fita de filme, caiu na escada e quebrou o pescoço.

Foi triste, mas serviu de “wakeup call” para toda a região, com inúmeras discussões, simpósios, livros sobre o perigo do extremismo no Novo Oriente Médio e novas cátedras. O argelino Jacques Derrida publica o livro *Europeísmo*, em que alerta para o perigo de usar as tragédias europeias como desculpa para a violência do mundo civilizado. Seis anos depois, o cineasta bahai foi agraciado com o prêmio Nobel da Paz por seu trabalho de conscientização de jovens, que os detratores acharam descabido, pois o moço tinha se limitado à sua tranquila região, sem encarar reais desafios pelo globo.

Em 2001, era o momento de colher todos os frutos daquelas décadas de trabalho e colaboração. Depois de 20 anos da criação de um mercado comum, a região se unia na União do Levante, com regras que permitiam a livre circulação de pessoas, políticas comuns de saúde, cooperação militar e tecnológica. Mas, você sabe como são os levantinos, adoram exibir-se, mostrar o sucesso. Não bastavam festas

em praças públicas e cerimônias em palácios com dignatários estrangeiros.

Além de um dia todo repleto de comemorações, um vôo militar aéreo conjunto pelo Mediterrâneo, com caças de todos os países da região, passava o recado a quem fosse: o Oriente Médio está unido e nem tentem nos perturbar. Para completar, já à noite, o lançamento de um bólido da cidade de Tíre que, incendiando-se na volta à atmosfera, gerou um espetáculo para ser visto por toda a região, e pela Europa também. Não era coisa difícil de fazer, mas causou muita impressão e ajudou a desengavetar alguns projetos do Pentágono...

A chuva do dia seguinte marcava o começo do outono. Com leve ressaca, os casais dormiram um pouco mais e as crianças ficaram brincando nas ruas. Foi bom, pois poucos professores foram dar aulas. Viúvos e solteiros passaram o dia tomando café com os amigos e relatando as aventuras do dia anterior. E as mulheres ofereciam suas versões das mesmas aventuras fazendo comida, nesse semiferiado, já que a vida moderna havia praticamente lhes tirado esse prazer.


A crise de 2008 afetou mais a União do Levante, altamente conectada aos mercados financeiros, que a Europa e os próprios Estados Unidos. Mas não foi ruim. Deixaram de lado o individualismo exacerbado que haviam abraçado nas últimas décadas e voltaram-se à religião, praticamente abandonada. Nas ruas do Cairo, de Trípoli e de Jafa era possível até ver moças com lenços estampados cobrindo os cabelos, e alguns moços também. Os jovens queriam agora ter hortas comunitárias, resgatar espiritualidades pré-monoteístas e curtir a vida, mais que vencer nela.

Quando chegou sua vez de hospedar a Copa do Mundo, não tiveram dúvida: deram um drible na FIFA, reformaram com parcimônia seus estádios, distribuindo o evento por cidades costeiras e interligadas por barcos de alta velocidade: Alexandria, Gaza, Tel Aviv, Haifa, Tíre, Beirut, Tartus, Larnaca, Mersin e Benghazi. Assim a Copa foi um sucesso e ao final cada país tinha bons estádios para as megaturnês regionais tão populares na região.



© Benjamin Flux / freemag

E o profeta Salim Maalouf? Voltou ao Brasil para criar o filho quando as coisas entraram nos eixos. O menino nunca perdeu a doçura e a pureza com que veio ao mundo e inspirou seu pai. Isso não. Mas era ambicioso e gostava de desafios. Na juventude, fez como o pai: foi buscar no Líbano a razão de viver. Com engenheiros alemães desempregados – a Europa nunca se levantou de verdade – criou a construtora Brecht-Maalouf, que com sua gerência moderna, transparente e obsessiva por compliance acabou por trazer dignidade aos contratos de obras públicas feitas na África, na América Latina e no próprio Levante.

É por isso que hoje em dia a região celebra em massa, independentemente da religião, o 25 de janeiro, junto com nossa cidade. Pois foi nesse dia que o primogênito de Salim nasceu, ali tão longe da terra de seus ancestrais, mas cuja história iria mudar como se fosse um verdadeiro enviado de Deus. Para Paulo, sempre objetivo, pensando na empresa, a data era um tremendo marketing gratuito. Para os locais, o dia da conversão do apóstolo era um momento de reflexão sobre os caminhos que tomamos na vida. 



Heloise Pait é socióloga e professora da Unesp de Marília.

Artemídia Influente

PESQUISA
LIDA COM A
DUALIDADE
ATELIÊ-
-LABORATÓRIO
NAS INTERFACES
ARTE-CIÊNCIA-
-TECNOLOGIA

Em março último, Célio Martins da Matta defendeu seu doutoramento no Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo, SP. Apresentou a tese intitulada: *Artemídia Influente: Ateliê-Laboratório nas Interfaces Arte-Ciência-Tecnologia*. O texto escrito foi acompanhado por uma obra de arte, um cubo com facetas de 21 cm. Dentro dele, estavam as suas 11 (e únicas possíveis) planificações.

Retirados do cubo principal, foram exibidos dez cubos menores que se planificavam, projetados milimetricamente em seus encaixes, que diminuía de tamanho até a medida de 11 cm, apresentando, em seus lados planificados, o texto do desenvolvimento da tese, que podia ser considerado um hiperlink; no sentido de permitir leitura das pranchas em qualquer ordem.

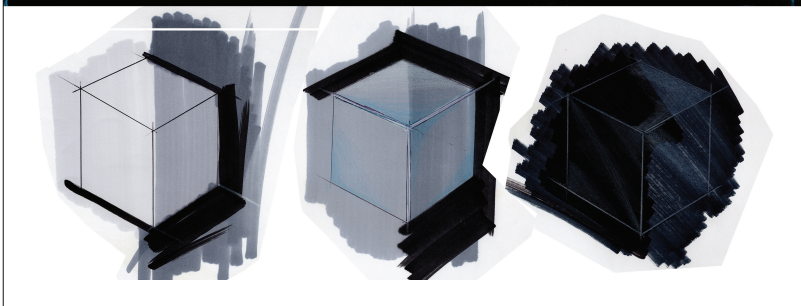
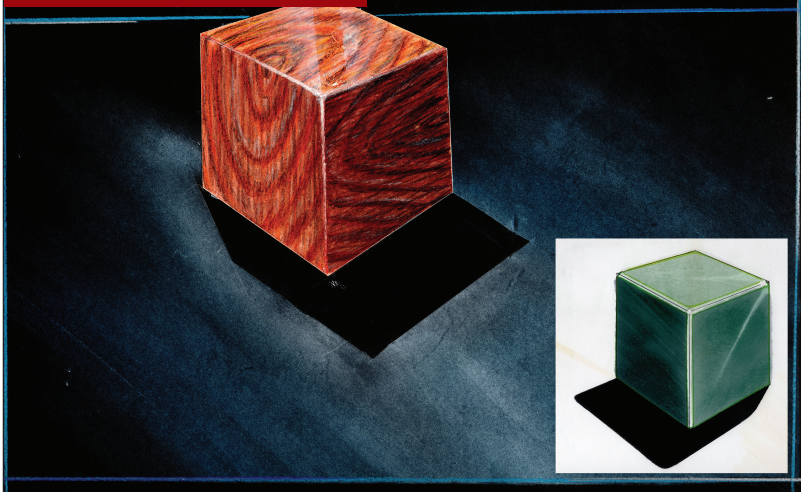
Dentro do cubo, havia ainda um catálogo que planificado apresentava outras obras de arte desenvolvidas durante o processo, juntamente com o seu detalhamento. Esses trabalhos, apresentados em outros eventos, auxiliaram nos processos e procedimentos estudados e apresentados na obra final.





© Arquivo pessoal

OSCAR D'AMBROSIO



A pesquisa como um todo traz a vivência do artista na concepção e materialização de uma obra de arte, procurando entendimentos e aplicações dos binômios criados: concepção-materialização e intuitivo-racional.

As aplicações práticas desses binômios ocorrem durante seus trabalhos na carreira acadêmica, que compreende disciplinas, participações em congressos, eventos, coordenação, entre outros.

A maneira de pensar do artista procura a aplicação dos conceitos discutidos, de maneira natural, intrinsecamente ao processo de construção de obras de arte, e outros projetos de áreas correlatas, como produtos e modelos industriais e projetos arquitetônicos. Essa forma de abordagem desencadeou um grande número de alunos requisitando as orientações de Matta nos cursos em que leciona na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Essas orientações, além de contemplar uma discussão subjetiva de temas também relacionados ao seu doutorado, proporcionaram uma vivência experimental ainda mais intensa, que resultou em um convite para coordenar os laboratórios de Arquitetura e Design da UPM.

Além de suas estesias e subjetividade, Célio



do artista Leonardo da Vinci, que também procuravam apresentar, criar e materializar obras buscando a solução de problemas. O pesquisador procurou associar essas soluções para entender a questão dos problemas também em arte, que não seguem um padrão linear e se apresentam como um paradigma.

Analisar a utilização de espaços de acordo com a necessidade forneceu informações sobre ensaios e tentativas laboratoriais, para se conceber e materializar arte nas interfaces arte, ciência e tecnologia. Matta procurou assim atender a sua própria necessidade de sistematização de ideias criativas e de materialização de insights

A PESQUISA COMO UM TODO TRAZ A VIVÊNCIA DO ARTISTA NA CONCEPÇÃO E MATERIALIZAÇÃO DE UMA OBRA DE ARTE

agrega no trabalho da pesquisa de doutoramento os conhecimentos anteriores oriundos do Mestrado em Artes, Bacharelado em Desenho Industrial /Design e Técnico em Desenho de Construção Civil. Dessa forma, suas obras são carregadas de sua personalidade e ficam no limiar de objeto-ideia e objeto-indivíduo.

A pesquisa ainda percorre análises de espaços de trabalho e vivência (e as atividades realizadas neles) denominados de ateliês-laboratórios e representados por espaços modelos chamados de Rampa de Criação e Oficina de Materialização. No percorrer desses arquétipos (símbolos) de ambientes do IA, Matta consegue fazer suas relações entre os binômios concepção-materialização e intuitivo-racional.


Ao analisar ambientes e suas próprias obras, Célio discorre sobre avançados métodos de materialização e também sobre a brincadeira e o divertido peculiar da arte. Procurou demonstrar sua observação apresentando desenhos, concepts, projetos técnicos, projetos artísticos e como esses elementos poderiam ganhar poética artística.

A maneira de apresentar os seus trabalhos de maneira artemidiática seguiu o padrão utilizado nas exposições contemporâneas de obras

procurando aplicar uma generalização.

Na busca do entendimento das nuances das artes e suas possíveis aplicações, o recém-doutor pelo IA conseguiu observar como os indivíduos se relacionam com a intuição e a racionalidade, proporcionando uma análise mais profunda da criação.

Matta ainda apresenta análises de maneiras de formalização, discorrendo a respeito de que existem projetos e trabalhos que não devem ser justificados somente pela via da formalização, ou seja, mais vale experimentar do que somente justificar de maneira bibliográfica. Acredita ainda que devem ser aceitos também conhecimentos oriundos de serendipidade.

O professor da UPM ainda expõe que mais importante para um pesquisador é a sua tomada de consciência, a aceitação dos diferentes caminhos e o acúmulo de seus conhecimentos. Embora seja respeitado, formalizar e/ou verbalizar e comprovar algo pode não ser o principal item de uma pesquisa, pois deve-se levar em consideração um projeto ou roteiro para a materialização. Isso proverá uma série de ações sistemáticas, facilitando operações e proporcionando a chegada a um objeto final como o apresentado no doutorado de Matta. 



Mais informações:
www.celiomatta.com

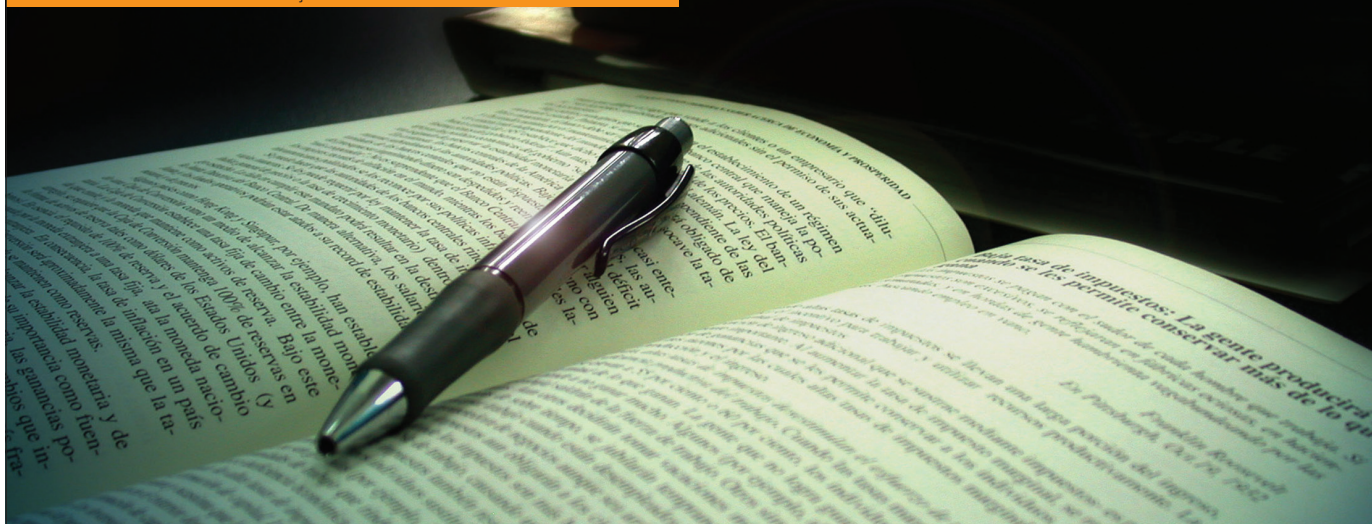


NOVA DIRETORIA NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES CIENTÍFICOS

O coordenador do Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos (Cevap) da Unesp, Rui Seabra Ferreira Jr., foi empossado presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC). A posse ocorreu dia 18 de março, na Reitoria da Unesp, em São Paulo, SP. Entre os objetivos da entidade, destaca-se o desenvolvimento e aprimoramento da publicação de periódicos técnico-científicos. O mandato será de dois anos (2016-2018).

A nova diretoria da ABEC é a seguinte: Presidente: Rui Seabra Ferreira Júnior (Cevap/Unesp, Botucatu, SP); Presidente anterior: Sigmar de Mello Rode (ICT/Unesp, São José dos Campos, SP) (cargo nato); Vice-Presidente: Ana Marlene Freitas de Moraes (IAE/DCTA, São José dos Campos, SP); Secretária-Geral: Suely de Brito Clemente Soares (Aposentada da Unesp, Rio Claro, SP); 1.º Secretário: Milton Shintaku (Ibict, Brasília, DF); 1.º Tesoureiro: Benedito Barraviera (FMB/Unesp, Botucatu, SP); e 2.º Tesoureiro: Suzana Caetano da Silva Lannes (FCF/USP, São Paulo, SP).





Facetas do Livro Didático

Alguns objetos parecem presença óbvia na sala de aula: lousa, carteiras, lápis e... livros.

Essas obviedades não precisariam estar ali, uma vez que o ensino e a aprendizagem acontecem sem essas facilidades.

Ocasionalmente o Livro Didático, cujo Dia Nacional é celebrado em 27 de fevereiro, vira protagonista, como no mundo mágico de Harry Potter, onde J. K. Rowling cria um livro sobre “monstros” que é um monstro em si, capaz de atacar o protagonista... Rowling valoriza livros, colocando-os em diversas ocasiões como fonte de mistérios ou meio de desvendá-los.

Diferentes “magias” do livro didático são exploradas em análises acadêmicas, como ser uma mercadoria (interesse monetário de editoras), ser objeto pesado (quando carregamos vários), ser registro de práticas escolares passadas (há um interessante trabalho que analisa as disciplinas do Colégio Dom Pedro II no século XIX por meio de livros ali adotados), ser veículo de ideologias etc.

Ele é uma fonte de mistérios (ou meio de desvendá-los) para o mundo acadêmico também!

Um livro não é didático por si. Diferentemente do livro “monstro” de Rowling, ele não tem a propriedade de obrigar alguém a aprender, mas o uso escolar que se faz dele pode torná-lo bastante importante (ou um estorvo).

Muitas vezes essas obras “traduzem” para a prática escolar as tendências pedagógicas, seja


em livros comerciais ou em projetos, como os nacionais GREF, PEF, FAI ou os americanos PSSC, BSCS.

O problema reside em quem usa quem... O livro é usado pelo professor quando ele se permite reinventar sequências e ampliar potencialidades. Mas o professor pode também “ser usado”, quando o toma como manual inquestionável ou apenas listas de exercícios (por isso o livro didático já foi chamado de “muleta pedagógica”).

Faz muita diferença a formação do professor e sua permanente qualificação para tais usos, que poderíamos traduzir entre os perfis de “professor” (que consegue usar o livro valorizando o ensino-aprendizagem) e de “dador de aula” (que é aquele profissional que se torna “porta-voz” do livro).

Como tudo em Educação, essa não é uma questão simples.

Convivendo com atividades de ensino impressiona muito um mistério: por que, mesmo depois de muitos anos escolares, os estudantes (seja em que nível for de ensino!) não conseguem ler o livro didático de maneira autônoma? Uma pena! Se soubessem, poderiam enriquecer muito sua formação e inclusive os diálogos e desafios em sala de aula.

Monstro, muleta ou importante instrumento? Qual deles, afinal, é o seu predileto para comemorar o dia do livro didático? 

Eugenio Maria de França Ramos e Bernadete Benetti, professores do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da Unesp, Câmpus de Rio Claro.



ÚLTIMO LIVRO DE LE GOFF

EXAMINA NOSSA TENDÊNCIA USUAL DE DIVIDIR A HISTÓRIA EM PEDAÇOS

O leitor deve estar curioso sobre o que esperar do último livro escrito por Jacques Le Goff, falecido em 2014. A resposta mais simples seria “coerência”. Sem se desviar da visão historiográfica que marcou sua longa e prolífica carreira, especialmente como medievalista, o autor já planteia no título do livro a pergunta-moté de sua reflexão central nesta obra, a respeito da necessidade de estabelecer “períodos”, “partes”, “pedaços” ou “fatias” da História para que seja possível identificar e tentar compreender as continuidades e rupturas que marcaram a trajetória da humanidade.

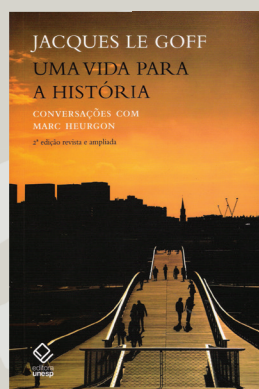
152 páginas | R\$ 42



OUTRAS OBRAS DO AUTOR



Por amor às cidades
160 páginas | R\$ 66



Uma vida para a história
280 páginas | R\$ 52



Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br

Críticas cinematográficas de **GUILHERME DE ALMEIDA** permitem reviver filmes hoje clássicos sob uma ótica modernista

Cinematographos: Antologia da crítica cinematográfica, lançamento da Editora Unesp em parceria com a Casa Guilherme de Almeida, reúne 218 textos sobre cinema, publicados pelo grande poeta modernista no jornal *O Estado de S. Paulo*, no período de 1926 a 1942, organizados por Donny Correia e Marcelo Tápia. Entre crônicas e críticas, dissecam a força sedutora da arte cinematográfica, bem como a presença pujante dos cinemas em São Paulo nas primeiras décadas do século XX e sua importância no cotidiano cultural da cidade.

679 páginas | R\$ 95

